

UNIVERSIDADE PAULISTA E PROJETO COOPERAÇÃO

LUIZA LIMA TORQUATO

**PEDAGOGIA DA COOPERAÇÃO COM MEDIADORAS/ES DO
COOPERATIVISMO: UMA EXPERIÊNCIA DE APLICAÇÃO NO SERVIÇO
NACIONAL DE APRENDIZAGEM DO COOPERATIVISMO**

BRASÍLIA

2017

LUIZA LIMA TORQUATO

**PEDAGOGIA DA COOPERAÇÃO COM MEDIADORAS/ES DO
COOPERATIVISMO: UMA EXPERIÊNCIA DE APLICAÇÃO NO SERVIÇO
NACIONAL DE APRENDIZAGEM DO COOPERATIVISMO**

Trabalho de conclusão da pós-graduação em
Pedagogia da Cooperação & Metodologias
Colaborativas apresentado à Universidade Paulista –
UNIP e ao Projeto Cooperação.

Orientador: Fábio Otuzi Brotto

BRASÍLIA

2017

P371

PEDAGOGIA da cooperação com mediadoras/es do cooperativismo: uma experiência de aplicação no serviço nacional de aprendizagem do cooperativismo / Clóvis Henrique Leite de Souza; Edlane Resende Batista Melo; Luiza Lima Torquato; Simone Pinheiro Santos – Brasília, 2017.
85 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (especialização) – Apresentado ao Instituto de Ciências Humanas da Universidade Paulista, Brasília, 2017.
Área de Concentração: Pedagogia da Cooperação & Metodologias Colaborativas.

“Orientação: Prof. Fábio Otuzi Brotto”.

1. Pedagogia da Cooperação. 2. Cooperativismo. 3. Cooperação. I. Brotto, Fábio Otuzi. II. Título.

CDU 37

LUIZA LIMA TORQUATO

**PEDAGOGIA DA COOPERAÇÃO COM MEDIADORAS/ES DO
COOPERATIVISMO: UMA EXPERIÊNCIA DE APLICAÇÃO NO SERVIÇO
NACIONAL DE APRENDIZAGEM DO COOPERATIVISMO**

Trabalho de conclusão da pós-graduação em
Pedagogia da Cooperação & Metodologias
Colaborativas apresentado à Universidade Paulista –
UNIP e ao Projeto Cooperação.

Aprovada em 19 de agosto de 2017 perante banca examinadora constituída por:

Prof. Fábio Otuzi Brotto (orientador)

Corina Castro e Silva (co-orientadora)

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso teve como objetivo aplicar as 7(sete) práticas da Pedagogia da Cooperação e analisar sua contribuição para o desenvolvimento/aprimoramento da colaboração em grupo de mediadoras/es do Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo - SESCOOP. A aplicação ocorreu de 11 a 13 de abril de 2017 e a instituição foi escolhida por promover a cultura cooperativista e o aperfeiçoamento da gestão para o desenvolvimento das cooperativas brasileiras. O SESCOOP tem a cooperação em sua missão. O público da pesquisa foram 10 mediadoras/es e o desenvolvimento das atividades foi realizado com base nos interesses das pessoas participantes da vivência. Foi constatado como resultado que a aplicação das 7 práticas possibilitou um significativo aumento da colaboração no grupo de Mediadores/as.

PALAVRAS CHAVES: Pedagogia da Cooperação, Cooperativismo, Cooperação

ABSTRACT

The purpose of this work was to apply the 7 (seven) practices of the Cooperative Pedagogy and analyze its contribution to the development / improvement of the group collaboration of mediators of the National Service of Learning Cooperativism - SESCOOP. The application took place from April 11 to 13, 2017 and the institution was chosen for promoting cooperative culture and the improvement of the management for the development of Brazilian cooperatives. SESCOOP has cooperation in its mission. The research public was 10 mediators and the development of the activities was carried out based on the interests of the people participating in the experience. It was verified as a result that the application of the 7 practices made a significant increase in collaboration in the group of Mediators.

KEYWORDS: Pedagogy of cooperation, Cooperatives, Cooperation

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO DA PESQUISA	1
2 INTRODUÇÃO	2
2.1 Tema:.....	3
2.2 Questão de Pesquisa:.....	3
2.3 Objetivo:.....	3
2.4 Justificativa:	3
3 REVISÃO DE LITERATURA.....	5
3.1 A Pedagogia da Cooperação	5
3.2 O sistema cooperativista.....	13
3.2.1 Sistemas Nacionais de Aprendizagem – Sistema S.....	15
3.2.2 O Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo - SESCOOP.....	16
3.2.3 O Processo formativo no SESCOOP.....	18
4 MÉTODOS	21
4.1 Tipo de Estudo	21
4.2 Local de Pesquisa.....	21
4.3 Percurso Metodológico	22
4.4 O Público.....	23
5 APLICAÇÃO DAS SETE PRÁTICAS.....	25
5.1 Descrição das atividades desenvolvidas e produtos co-construídos	25
5.1.1 Com-Tato.....	25
5.1.2 Com-Trato	26
5.1.3 In-Quieta-Ações.....	27
5.1.4 Alianças & Parcerias	31
5.1.5 Soluções Como-Uns	33
5.1.6 Projetos de cooperação	37
5.1.7 Celebrando o VenSer.....	45
6. RESULTADOS	49
6.1 Avaliação da Oficina - instrumento interno do SESCOOP.....	54
6.2 Projetos de Cooperação.....	57
6.3 Trabalho cooperativo em equipe.....	57
7. CONCLUSÃO	59
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	61

10. APÊNDICES E ANEXOS.....	64
10.1 Apêndice 01: Cronograma detalhado de atividades.....	64
10.2 Apêndice 02: Relação de convidadas para a aplicação das 7 práticas.....	67
10.3 Anexo I: Tabulação da avaliação institucional do SESCOOP.....	68
10.4 Anexo II: Reportagem publicada no Boletim interno da Casa do Cooperativismo.....	70
10.5 Anexo III: Fotos do processo.....	71
10.6 Anexo IV – Descrição de jogos aplicados em Alianças & Parcerias.....	78

1 APRESENTAÇÃO DA PESQUISA

Estamos inseridos em um contexto contemporâneo em que se prevalece a emoção do controle, exigência, apropriação e valoriza a competição, a autoridade, o poder, a dominação e a subordinação. O que temos percebido como resultado desse modo de ser e agir é a exclusão, a desqualificação, e a desumanização que culminam em cada vez mais ódio, violência, destruição, desconfiança e medo.

Nesse sentido, é emergente a necessidade de reflexões e ações para criação de novas formas de ser e conviver, que oportunizem relações mais respeitadas, amorosas, sensíveis, conectadas, integradas e cooperativas que garantam a sustentabilidade harmônica da vida e o estabelecimento de uma cultura de paz.

Essa foi a minha intenção de buscar a pós-graduação em Pedagogia da Cooperação & Metodologias Colaborativas, envolver-me com conteúdos e práticas que estimulassem essas reflexões e ações para que pudesse adotar uma postura proativa relacionada a essa “nova” forma de ser e estar no mundo.

Este trabalho é um dos desdobramentos de minha trajetória durante a pós-graduação junto ao meu grupo, composto por mais 3 (três) pessoas, Clóvis, Edlane e Simone, e da aplicação das 7 (sete) práticas que sustentam e dão forma à abordagem da Pedagogia da Cooperação em um grupo de mediadoras/es do cooperativismo do SESCOOP - Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo.

A escolha do referido ambiente de aplicação da Pedagogia da Cooperação muito me estimulou por essencialmente ser um contexto que valoriza cooperação e adota práticas condizentes com minhas expectativas relacionadas a formas inovadoras de se trabalhar. Inquietava-me, no entanto, como a Pedagogia da Cooperação poderia contribuir nesse cenário.

Espero que as reflexões deste trabalho, produzidas a quatro mãos, possam esclarecer quais foram essas contribuições e estimular novas possibilidades de ação.

2 INTRODUÇÃO

Construímos um mundo competitivo, desigual, excludente, insustentável, interligado e bastante ocupado. Apesar de todas as tecnologias que nos conectam uns aos outros, a dificuldade de integração é explícita. Uma contradição grande que faz as certezas se relativizarem, deixa as pessoas inseguras e isso explica a intolerância.

Chegamos ao ponto de considerar progresso a correria frenética, o trabalho alienado e a destruição dos recursos naturais, os quais somos totalmente dependentes para sobreviver. Uma contradição que dificulta entendermos o poder da coletividade. Consideramos desenvolvimento a lógica linear de extração-produção-propaganda-consumo-descarte orientada exclusivamente pela busca de lucro e isso revelou-se um suicídio coletivo, também conhecido na Ecopsicologia como “ecocídio”¹.

Todos os nossos atos hoje em relação a natureza expressam o fechamento do acesso ao inconsciente ecológico. Apesar disso, temos uma essência cooperativa dentro de nós, revelada sempre que nos emocionamos e abafada por uma avalanche de péssimas notícias que nos desempodera. Há quem pense que a essência humana é competitiva, porém nossos ancestrais eram tribais e sobreviveram porque cooperaram, afinal, sair da tribo significava morrer em meio a um mundo de perigos.

A Pedagogia da Cooperação trilha caminhos para o resgate da essência humana, a cooperação. Ao vivenciar as sete práticas da pedagogia, encontramos cooperação dentro e fora de nós. Este trabalho teve como objetivo aplicar as 7(sete) práticas da Pedagogia da Cooperação e analisar sua contribuição para o desenvolvimento/aprimoramento da colaboração em grupo de mediadoras/es do Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo - SESCOOP.

O SESCOOP tem como missão promover a cultura cooperativista e o aperfeiçoamento da gestão para o desenvolvimento das cooperativas brasileiras, ou seja, tem a cooperação em sua missão. A aplicação aconteceu de 11 a 13 de abril de 2017, totalizando 20h, com os

¹ Marco Aurélio Bilibio Carvalho referencia o uso pioneiro do termo “ecocídio” a Fernando Cesarman dizendo: “Cesarman investigou a forma agressiva com que a espécie humana se relaciona com o planeta, e também observou traços autodestrutivos inconscientes associados à forma corrente de consumo e descarte de nossas sociedades” (CARVALHO, 2013, p. 12).

mediadores do cooperativismo desta instituição. A seguir serão apresentados os resultados dessa aplicação.

2.1 Tema:

Pedagogia da Cooperação e o desenvolvimento/aprimoramento da colaboração em grupo de mediadoras/es do cooperativismo.

2.2 Questão de Pesquisa:

Como a aplicação da Pedagogia da Cooperação em grupo de mediadoras/es do cooperativismo contribui para o desenvolvimento/aprimoramento da colaboração no Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo - SESCOOP?

2.3 Objetivo:

Aplicar as 7(sete) práticas da Pedagogia da Cooperação e analisar sua contribuição para o desenvolvimento/aprimoramento da colaboração em grupo de mediadoras/es do Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo - SESCOOP.

2.4 Justificativa:

O Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (SESCOOP) integra o Sistema Cooperativista Nacional e tem como missão promover a cultura cooperativista e o aperfeiçoamento da gestão para o desenvolvimento das cooperativas brasileiras. Dentre seus objetivos está a divulgação da filosofia cooperativista como forma de desenvolvimento integral das pessoas. Em suas áreas de atuação, está o ensino e formação profissional, realizado por meio de ações voltadas ao desenvolvimento, qualificação e capacitação dos associados, dos dirigentes e dos empregados de cooperativas, alicerçados nos princípios e valores cooperativistas.

Considerando que a Pedagogia da Cooperação pode contribuir para estimular a Cultura de Cooperação no ambiente de trabalho e que o SESCOOP tem como filosofia a cooperação, a proposta do presente projeto é realizar atividades vivenciais que permitam a aplicação das 7

(sete) práticas da Pedagogia da Cooperação com o grupo de mediadoras/es do SESCOOP e analisar suas repercussões.

Desta forma, para o conjunto de encontros que totalizaram 20 horas de aplicação, as pessoas selecionaram a vivência da Pedagogia da Cooperação entre as possibilidades de formação ofertadas no portfólio de educação corporativa. Cada indivíduo que, juntamente com sua chefia imediata, avaliou que a proposta lhe traria benefícios, fez adesão à atividade aqui relatada. Assim, o grupo foi composto por aproximadamente 10 pessoas de diferentes áreas do SESCOOP.

O desenvolvimento das atividades foi realizado com base nos interesses das pessoas participantes da vivência. O levantamento de inquietações possibilitou a definição de propostas de atividades adequadas à realidade do grupo. De toda forma, como maneira de iniciar os trabalhos, foi utilizado o *Com-Tato*² com as histórias de seus amores para estimular o grupo a se sensibilizar para o tema cooperação e falar de seu trabalho como mediadoras/es do cooperativismo e o grupo reconhecer o trabalho desenvolvido e as experiências pessoais das/os participantes.

² Esta grafia, dividindo as palavras é proposital e tem um sentido/significado e será apresentada ao longo de todo o texto.

3 REVISÃO DE LITERATURA

3.1 A Pedagogia da Cooperação

O sonho de Fábio Brotto de espalhar cooperação pelo mundo se manifestou em 1991 e os primeiros ensaios sobre o assunto vieram logo em seguida, em 1992. Neste mesmo ano, nasceu o Projeto Cooperação. A partir daí muitos passos foram dados: a publicação do primeiro livro de Jogos Cooperativos, a parceria com Jim e Ruth Deacove, da Family Pastimes (Canadá), para a produção de Jogos Cooperativos de Tabuleiro, a constituição jurídica do Projeto Cooperação – Comunidade de Serviço Ltda (1997) e muitos outros.

É um grande desafio falar de cooperação em uma sociedade que prega a competição. Ao mesmo tempo, é uma contradição estimular a rivalidade, a disputa e o individualismo pois tudo isso vai contra a necessidade humana de sobrevivência na aldeia global que vivemos, onde os impactos dos nossos atos repercutem no outro e em outras “aldeias”. Brotto (2013, p. 46) afirma que somos capazes de atos de extrema violência contra o outro e contra nós mesmos. E do mesmo modo, porém “na direção oposta, somos extraordinariamente aptos a nos doar, incondicionalmente, aos outros”.

Parece não existir uma natureza competitiva ou cooperativa que determine o comportamento humano. Imagino que nossa natureza seja uma natureza de possibilidades. Temos a possibilidade e a capacidade de escolher nosso Jeito de Ser e nosso modo de conscientemente colaborar para a melhor qualidade de vida para todos (BROTTO, 2013, p. 46)

A Pedagogia da Cooperação é uma pedagogia viva e pode ser compreendida como um “conjunto de sinais, indicadores, pistas e toques para orientar a caminhada” rumo a cooperação (BROTTO, 2013). A pedagogia é desenvolvida a partir de **Princípios, Procedimentos, Processos e Práticas**, figura 1, que podem ser compreendidos como os diversos momentos da pedagogia.

No primeiro “momento” da caminhada na trilha da cooperação, são trabalhados os “Princípios”, ou seja, a visão, os valores, as perspectivas da comunidade. São **4 os princípios básicos da Pedagogia da Cooperação**, descritos a seguir:

- **Princípio da Co-Existência** - Corresponde a conscientização de que a “interdependência é uma característica factual da nossa existência” (BROTTO,

2013). Não fomos educados para ver ou perceber a interdependência, assim, é preciso desenvolver iniciativas para reaproximar as pessoas e os seres para que possamos nos reconhecer como parte de um todo, ainda que nem todos sejam afetados no mesmo instante e com a mesma intensidade.

- **Princípio da Com-Vivência** - Este princípio diz respeito a inclusão, não apenas de pessoas com deficiência, mas também a inclusão “de ideias, de sentimentos, de visões, de sensações, de atitudes, de comportamentos, de valores das pessoas e de relações diferentes daqueles que se pressupõem serem os melhores ou os mais corretos” (BROTTO, 2013) ou seja, ver e reconhecer o outro, ter empatia, respeitar as diferenças, aprender com elas e possibilitar a com-vivência de todos.
- **Princípio da Cooperação** - A cooperação era uma questão de sobrevivência para os povos pré-históricos. Os estudos de Eisler (2007) demonstram que nossos ancestrais eram coletores-caçadores, mas isso não significa que tinham como essência a crueldade, a insensibilidade e a violência. A arte do Paleolítico demonstra a celebração da vida, não a eliminação da vida. Eisler (2007) afirma que esse período de “celebração da vida” ou de sociedade de parceria durou muito e avançou no período Neolítico e nas primeiras sociedades agrárias, berço da civilização. Os fatos demonstram que já tivemos uma sociedade de parceria, e que nossos ancestrais viveram uma cultura predominantemente cooperativa e não competitiva. Assim, não há razões para alimentarmos a “Ilusão da Separatividade” (BROTTO apud Weil, 2013), uma vez que somos seres interdependentes. BROTTO (2013) afirma “somos socializados e socializamos os outros para a Cooperação ou para Competição por meio da educação da cultura e da informação”. Desse modo, incentivar que a sociedade seja cooperativa é uma ação política, um exercício de corresponsabilidade para o aprimoramento das relações humanas. No núcleo do princípio da Cooperação, está a confiança, que é algo a ser construída e nutrida. Fomos educados a não ser quem realmente somos e muito menos a mostrar isso. Vivemos em uma sociedade em que “parecer” é maior que “ser” e enxergamos o outro como uma

ameaça. Aí está a dificuldade, mas não a impossibilidade, de estimular a cooperação, a confiança e o respeito mútuo, alicerces da evolução humana.

- **Princípio da Comum-Unidade** - Corresponde ao ambiente onde podemos cultivar o espírito de grupo. Somos seres naturalmente sociais e necessitamos do sentimento de pertencimento e este é um forte impulso e ao mesmo tempo um grande desafio para nos juntarmos a outros. O importante é que o grupo saiba e reconheça o motivo pelo qual estão reunidos e que o foco esteja no que realmente é essencial para o grupo e não na estrutura ou forma. Em comunidade, há a liberdade para ser plenamente quem se é e ao mesmo tempo cooperar/servir para o bem comum.

Figura 1 - Princípios da Pedagogia da Cooperação
Pedagogia da cooperação: quatro momentos



Fonte: Caderno referência de esportes, UNESCO, 2013, p. 11.

Até agora, falamos do primeiro momento da Pedagogia da Cooperação, os princípios. Chegou o momento de partirmos para o segundo momento, os procedimentos, que facilitam o desenvolvimento da cooperação em diferentes contextos. São eles:

- **O círculo e o centro** - Por milhares de anos as decisões, as confraternizações e as conversas aconteceram ao redor da fogueira. O círculo é considerado sinal supremo da perfeição, da união, da expansão, do movimento e da plenitude. O centro é a divindade, o que une a todos. Ambos juntos simbolizam a perfeição

e o universo. O que se espera é que todos se vejam e sejam vistos por todos, que estejam no mesmo nível e que o centro seja algo familiar ao grupo.

- **Ensinação Cooperativa** - Preferência por aprender fazendo juntos. Experimentar/viver coletivamente para poder re-conhecer (favorece introspecção, auto-observação, diálogo, troca, experimentação e transformação pessoal e coletiva).
- **Do mais simples para o mais complexo** – Evolução de dentro para fora, do mais próximo para o mais distante, do menor para o maior, do local para o global, do indivíduo para a sociedade.
- **Ser mestre e aprendiz** – O focalizador do processo apenas ajuda a criar um ambiente de cooperação e a iluminar a situação para que cada pessoa/grupo descubra seu próprio caminho (a partir da experiência pessoal e da experiência compartilhada).
- **Começar e terminar todos juntos** - Manter-se firme diante dos desafios, apoiando-se uns aos outros e celebrar coletivamente cada conquista - dá a sensação de time e de cumplicidade.

O terceiro momento da Pedagogia da Cooperação diz respeito aos Processos, a ação em si e as estratégias/técnicas que podem ser utilizadas para se estimular a cooperação. São muitos os processos e sempre surgem novos, podendo ser aplicados de acordo com o grupo e o contexto, tais como: danças circulares, jogos cooperativos, comunicação não violenta, investigação apreciativa, World Café (café diálogo), Open Space (tecnologia do espaço aberto), Dragon Dreaming, Musicoperação, oásis, entre outros.

- **Danças circulares:** Também são conhecidas como Danças Circulares Sagradas ou ainda Danças dos Povos. São expressões artísticas que sempre estiveram presentes da história da humanidade. São conduzidas ou focalizadas por uma pessoa chamada de focalizador/a que, segundo Santos (2017), tem o papel de ajudar as pessoas a interagir, a conviver em grupo, a vivenciar as danças numa roda ou círculo, explicando sobre os sentidos das músicas e coreografias escolhidas, ensinando alguns passos que serão dançados coletivamente. Segundo Santos (2017), foi Bernhard Wosien (1908-1986), bailarino

polonês/alemão, professor de danças e pintor que, a partir das décadas de 1950 e 1960, percorreu o mundo recolhendo e resgatando as danças de diferentes povos.

- **Jogos Cooperativos:** Para Vieira (2013), “são jogos com uma estrutura alternativa, onde o esforço cooperativo é necessário para se atingir um objetivo comum e não para fins mutuamente exclusivos. Tendo os jogos como um processo, aprende-se a reconhecer a própria autenticidade e a expressá-la espontaneamente e criativamente. Jogando cooperativamente temos a chance de considerar o outro como um parceiro, um solidário, em vez de tê-lo como adversário, operando para interesses mútuos e priorizando a integridade de todos”. São jogos que têm por objetivo despertar a consciência de cooperação e promover efetivamente a ajuda entre as pessoas. As pessoas podem participar autenticamente, pois ganhar ou perder são apenas referências para um contínuo aperfeiçoamento pessoal e coletivo. Segundo Soler (2008), são atividades que tentam, por meio dos jogos, diminuir as manifestações de agressividade, promovendo boas atitudes, tais como: sensibilização, amizade, cooperação e solidariedade, facilitando o encontro com os outros que jogam, predominando sempre os objetivos coletivos sobre os objetivos individuais. No jogo cooperativo, aprende-se a considerar o outro que joga como um parceiro, e não como adversário.
- **Comunicação não-violenta (CNV):** é uma forma de se comunicar que permite uma conexão maior entre as pessoas para que a compaixão possa emergir, mesmo em situações críticas. Busca-se a pacificação de uma guerra cotidiana, já que nos habituamos a expressar o que queremos de forma impositiva e desatenta. A CNV tem o objetivo de resgatar o que há de mais genuíno nas pessoas: suas emoções, valores e a capacidade de se expressarem com honestidade, ajudando os outros com real empatia – ou seja, possibilitando o mergulho nas verdadeiras necessidades do outro e não em sua vontade de parecer altruísta. Foi criada pelo psicólogo americano Marshall Rosenberg, que depois de ficar preso por 3 dias em casa para aguardar o fim de um conflito

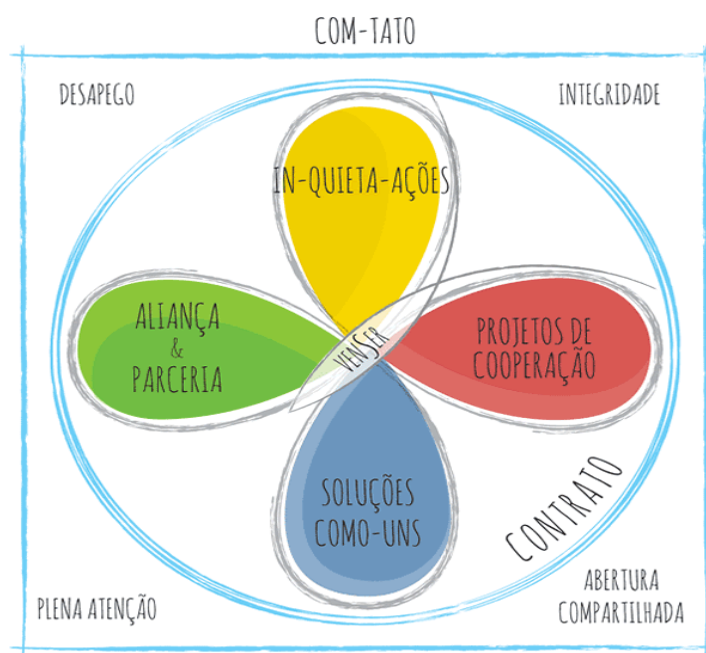
racial em Detroit, em que 40 pessoas foram mortas, resolveu estudar formas de comunicação que expressasse as reais necessidades dos indivíduos.

- **Investigação Apreciativa:** Investigação sistemática do que dá vida a uma organização nas situações de efetividade e capacidade. Sem intervenções e sim investigando, imaginando e inovando. Tem como prática fazer perguntas positivas em vez de alimentar a crítica, a negação e os diagnósticos difíceis e complicados. O objetivo é possibilitar que as pessoas se envolvam na construção de um futuro coletivo, seja na organização ou grupo.
- **Word Café:** É um processo participativo, de diálogo em grupos, nos quais os participantes se dividem em diversas mesas e conversam em torno de uma pergunta central. As pessoas mudam de mesa polinizando ideias para tornar visível a inteligência do grupo. Os resultados são expressados a partir da interação entre todos.
- **Open Space:** Possível de aplicação em grupos de diversas proporções ou organizações para compartilhar um tema comum do qual o focalizador tenha paixão para vivenciar a possibilidade transformadora e sinergias do grupo. Harrison Owen não se define como criador nem proprietário da metodologia tendo assim reforçado que é aberta em si mesmo.
- **Dragon Dreaming:** Os sonhos estão próximos de nós e quando compartilhado agrega força para sua realização, cria vínculos entre pares, o meio e recursos que nos é disponibilizado ou de possível acesso. Dragon Dreaming é conectar as dimensões do indivíduo, do mundo, da teoria e da prática.
- **Musicooperação:** Um movimento despretensioso que procura incentivar a cooperação com o corpo, com a voz e propiciar a possibilidade de se expressar sem julgamentos mostrando que o importante é se divertir, independente da forma de comunicação. Para além do ensinar a cooperar é preciso vivenciar a prática da cooperação, desenvolvê-la, vivenciá-la. E entre as opções, com música.

- **Oásis:** é um jogo, que foi criado pelo Instituto Elos, e tem como objetivo apoiar a mobilização cidadã para a realização de sonhos coletivos de qualquer comunidade. É composto por sete passos: olhar, afeto, sonho, cuidado, milagre, celebração e a revolução. Esses podem ser aplicados em diferentes contextos e com um pré-requisito simples de tudo ser feito sem a utilização de dinheiro, apenas com os recursos da comunidade. A intenção é que as pessoas apresentem o melhor de si e não o melhor que podem comprar.

Após reconhecer os procedimentos da Pedagogia da Cooperação, apresentaremos agora as 7 práticas indicadas para que os participantes vivenciem a cooperação em grupo de uma maneira integral e integrada. É interessante ressaltar que essas práticas são recentes e durante a pesquisa bibliográfica para elaboração deste trabalho, percebeu-se que até 2013 existiam 6 práticas e não 7.

Figura 2 - As 7 práticas da Pedagogia da Cooperação



Fonte: Website do Projeto Cooperação, 2017.

A Pedagogia da Cooperação baseia-se, em termos gerais, em sete práticas, o “*Com-tato*”, entre os participantes, o estabelecimento do “*Com-trato*”, a identificação das “*In-quietações*”, o reconhecimento da possibilidade e necessidade de “*Alianças & Parcerias*”, a busca

de “Soluções *Como-uns*”, para fazer “Projetos de Cooperação” e o “Celebrar e *VenSer*” (BROTTO, 2013, p. 31-33).

1. **COM-TATO** - O primeiro passo da Pedagogia da Cooperação é CONECTAR, promover a aproximação e a integração de forma acolhedora e criativa, por meio de atividades leves, jogos simples e de curta duração. É importante incluir todos e focar na interação social, que é o essencial.
2. **COM-TRATO** - Neste segundo momento, estabelecemos acordos de cooperação e convivência para promoção e sustentabilidade de uma sensação de bem-estar pessoal e coletivo. É hora de CUIDAR um dos outros. Sugere-se incluir atividades descontraídas, que estimulem a comunicação, o compartilhamento e o diálogo aberto e empático e lembrar que todos os pedidos são bem-vindos e aceitos - sem julgamento de certo e errado.
3. **IN-QUIETA-AÇÕES** - Este é o momento de COMPARTILHAR dúvidas, perguntas, inquietações sobre o tema foco da atividade. É interessante utilizar técnicas provocativas, que despertem a curiosidade e manter o foco nas perguntas e não nas respostas.
4. **ALIANÇAS & PARCERIAS** - É exercício da habilidade de com-vivência. O grupo precisa CONFIAR que possuem tudo que precisam para avançar, ir além. Este é um momento propício para estimular atividades desafiadoras e intensas impossíveis de serem realizadas/solucionadas individualmente.
5. **SOLUÇÕES COMO-UNS**- Nas in-quieta-ações fazemos perguntas e este é o momento de colheita de todas as ideias, sugestões e respostas para CO-CRIAR possibilidades. Sugere-se estimular a troca e conexão de ideias, o diálogo livre e aberto, a inovação e colaboração para que o melhor de cada um seja apresentado/compartilhado.
6. **PROJETOS DE COOPERAÇÃO** - São os “desdobramentos de todo o processo e especialmente da fase de Soluções *Como-Uns*. Este é o momento de traduzir em ações as reflexões e *insights* do grupo” (BRETAS, 2015). É o realizar e CULTIVAR! O fazer acontecer! Aqui, pequenas e simples iniciativas

podem se transformar em poderosas conquistas (procedimento do mais simples para o mais complexo).

7. **VENSER** - Esta é a etapa de CELEBRAR o *VenSer*. Honrar as tradições ancestrais que depositam nas celebrações grande importância para a reenergização e a síntese de aprendizados do grupo. Todos terão voz e vez e poderão colocar seus sentimentos em relação à jornada que foi vivida (potencialidades, afeitos e afetos).

3.2 O sistema cooperativista

Se o cooperativismo quer realizar seus objetivos e se quer realizar de fato a democracia participativa, então a educação cooperativa é um princípio fundamental. Com razão os Pioneiros o incluíram nas suas práticas desde os inícios e a Aliança Cooperativa Internacional o considerou como um dos seis princípios da cooperação. Não se nasce cooperador, especialmente no contexto individualista e competitivo em que vivemos. Não se mudam comportamentos sem mudar a mentalidade das pessoas. E uma mentalidade diferente só se adquire através de uma educação continuada e persistente. Portanto, é preciso dedicar muitos esforços na formação de um homem cooperativo, solidário, responsável e ciente das vantagens da auto-ajuda na base da ajuda mútua, e nesse processo, a educação cooperativa assume uma relevância incontestável. (SCHNEIDER, 2010)

Schneider (2010) pondera que, desde os primórdios do cooperativismo, identifica-se a preocupação com a educação cooperativista, que em alguns pontos se assemelha à Pedagogia da Cooperação. Por outro lado, ele defende que não se nasce cooperador, que estamos em um contexto individualista e competitivo. É preciso ampliar a motivação da dinâmica da cooperação no aspecto do trabalho conjunto e partilha para se alcançar mutuamente os mais diversos objetivos.

Não existe receita, mas precisamos nos dispor a colaborar para a construção de uma mentalidade mais construtiva, com menos conflito e que o convívio social favoreça a formação de pessoas capazes de se responsabilizar conjuntamente por seus semelhantes e pelo seu meio, respeitando que somos seres únicos, com necessidades diversas. É preciso ouvir e falar para atender necessidades semelhantes e buscar soluções úteis. Criar soluções sem ouvir o outro é o caminho para o fracasso de um resultado vazio.

Nessa perspectiva, é possível vislumbrar nas metodologias da Pedagogia da Cooperação uma abertura para a inserção da gestão de conflitos, já que eles podem ser grandes oportunidades para aprender a crescer. Essa integração, quando ressoa no outro, ganha significado, proporciona uma participação de qualidade para todos, respeitando os ritmos e o respirar desse coletivo.

Apesar de explicitado no site do Sistema Cooperativista que *as cooperativas são organizações democráticas, controladas pelos seus membros, que participam ativamente na formulação das suas políticas e na tomada de decisões*, na prática, muitas possuem como cultura o tradicionalismo hierárquico. Desse modo, seus princípios de intercooperação, autonomia e independência podem ser o passo inicial para trabalhar a “polinização” de ideias e possibilidades cooperativas a partir de conversas significativas, mudando seus micros ambientes e *com-fiando* com as práticas da Pedagogia da Cooperação, o que nos levou a questão problema: “Como a aplicação da Pedagogia da Cooperação em grupo de mediadoras/es do cooperativismo contribui para o desenvolvimento/aprimoramento da colaboração no Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo - SESCOOP?”

A cooperação é reforçada pela cultura, hábitos, costumes e atitudes que guiam as relações de um grupo social. Por isso, em vez de instituir normas, a cooperação ética discute as relações com outras pessoas, as responsabilidades de cada um e os valores, tais como a liberdade, o respeito, a igualdade, a justiça, a dignidade em um âmbito sistêmico – sócio-econômico e financeiro. A cooperação prefere recorrer a debates, reuniões e assembleias como recursos didáticos para discutir regras e construir conhecimentos e, nos grupos cooperativos, apresenta como elementos básicos:

- Interação face a face: interação com os colegas para explicar, ouvir argumentos, relacionar conteúdos e elaborar conceitos;
- Responsabilidade individual: cada membro do grupo assume responsabilidade pela própria aprendizagem e contribui para a aprendizagem do grupo;
- Habilidades sociais: existência de competências que favoreçam a comunicação, confiança, liderança, tomada de decisões e resolução de conflitos;
- Interdependência positiva: adesão ao trabalho colaborativo com o objetivo comum de promover a aprendizagem do coletivo;

- Avaliação/Reflexão: análises regulares e sistemáticas sobre o funcionamento do grupo e da progressão das aprendizagens/autoavaliação (Caderno do Educador, pág. 90).

3.2.1 Sistemas Nacionais de Aprendizagem – Sistema S

Logo após o término da Segunda Guerra Mundial, o Brasil, a exemplo de muitos outros países, experimentou um intenso surto de industrialização. O aumento do número de trabalhadores que migravam para as grandes cidades, a necessidade de elevar seu nível educacional e premência de atender suas reivindicações sociais determinaram a articulação de um novo pacto social, envolvendo governo e empresários. Como resultado pós-guerra, despertou-se a visão democrática dos empresários, preocupados com a criação de um clima que propiciasse a harmonia de interesse entre empregados e empregadores, em benefício do crescimento da riqueza nacional e, como consequência, o bem-estar social e da estabilidade política do país.

Nesse contexto, uma das providências adotadas, foi a criação do primeiro Sistema Nacional de Aprendizagem, o Sistema Nacional de Aprendizagem dos Industriários (SENAI), por meio do Decreto-lei nº 4.048 – de 22 de janeiro de 1942, que estabeleceu competência de organizar e administrar, em todo o país, escolas de aprendizagem para industriários.

Art. 6º Parágrafo único. O Serviço Nacional de Aprendizagem dos Industriários aplicará o produto da contribuição adicional referida neste artigo, em benefício do ensino nesses mesmos estabelecimentos, quer criando bolsas de estudo a serem concedidas a operários, diplomados ou habilitados, e de excepcional valor, para aperfeiçoamento ou especialização profissional, quer promovendo a montagem de laboratórios que possam melhorar as suas condições técnicas e pedagógicas.

O sucesso da ‘escola de fábrica’ levou à criação do Sistema Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC) com a atribuição de difundir e aperfeiçoar o ensino comercial para os empregados adultos do comércio, determinando inclusive número de matrículas gratuitas para comerciários, seus filhos, ou estudantes a quem faltassem recursos.

Nessas tentativas de aproximar as realidades entre educação profissional e trabalho, cada Sistema S tem apresentado à sociedade uma forma de atendimento, conforme seu negócio, sendo os demais:

SENAR – Serviço Nacional de Aprendizagem Rural – Criado pela Lei nº 8.315 de 23 de dezembro de 1991.

SEST – Serviço Nacional de Aprendizagem do Transporte – Criado pelo Decreto nº 1.007 de 13 de dezembro de 1993.

SESCOOP – Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo – Criado pela Medida Provisória nº 1.715 de 03 de setembro de 1998.

Mesmo que respeitando suas características de área de mercado, além do saber técnico, percebe-se que todos os integrantes do chamado Sistema S têm outras preocupações, entre elas, diversificar a oferta de competências exigidas dos trabalhadores: a capacidade de pensar, de criar relacionamentos, de liderar, de melhorar o seu trabalho, de se comunicar de forma eficiente, de ouvir, de aperfeiçoar seu trabalho. Qualidades essas requeridas e importantes a todo profissional e que vai ao encontro da Pedagogia da Cooperação.

O Sistema S favoreceu a experimentação da prática do saber, onde o próprio aluno testa o fazer, executa o que aprende em sala de aula e participa do processo de ensino aprendizagem. As experiências desenvolvidas em sala de aula estimulam o aperfeiçoamento de domínios de contextualizar e mobilizar os diferentes saberes que serão desenvolvidos na prática profissional.

A partir desses novos processos educativos, centros de formação do Sistema S, estão sempre a buscar possibilidade de aprimoramento da educação profissional. Por isso, após as escolas técnicas, o Sistema S é o principal agente de qualificação incentivado pelas políticas públicas.

3.2.2 O Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo - SESCOOP

Em 1969, foi criada a Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB) para representar e defender os interesses das cooperativas e, assim, iniciou-se a autogestão do cooperativismo nacional. E, em 1998, para somar à OCB o viés da educação cooperativista, nasceu o SESCOOP, sendo responsável pelo ensino, formação profissional, organização e promoção social dos trabalhadores, associados e funcionários das cooperativas brasileiras e atendendo 13 (treze) ramos de negócio: agropecuário, consumo, crédito, educacional, especial, mineral, habitacional, infraestrutura, produção, saúde, trabalho, transporte, turismo e lazer.

O SESCOOP atua na formação profissional, em gestão de cooperativas e outras atividades correlatas, que divulguem a doutrina e a filosofia cooperativista como forma de desenvolvimento integral das pessoas, promovendo e realizando estudos, proporcionando ambientes cooperativos, pesquisas e projetos relacionados ao desenvolvimento humano, ao monitoramento e à promoção social, de acordo com os interesses das sociedades cooperativas e de seus integrantes. Segundo o Site do Sistema OCB, atualmente, existem 6582 cooperativas registradas no Sistema OCB, com mais de 12 milhões de associados e 360 mil empregados de cooperativas.

A responsabilidade de formação do SESCOOP vai para além de uma obrigação legal, é uma ação de desenvolvimento social, de educação cooperativa e cooperativista, pois efetiva o direito de acesso ao trabalho empreendedor ao mesmo tempo que favorece dois dos princípios do cooperativismo:

5º - Educação, formação e informação - as cooperativas promovem a educação e a formação dos seus membros, dos representantes eleitos e dos trabalhadores, de forma que estes possam contribuir, eficazmente, para o desenvolvimento das suas cooperativas. Informam o público em geral, particularmente os jovens e os líderes de opinião, sobre a natureza e as vantagens da cooperação.

7º - Interesse pela comunidade - as cooperativas trabalham para o desenvolvimento sustentado das suas comunidades através de políticas aprovadas pelos seus membros. (Site: Paraná Cooperativo)

Durante os processos educativos, o SESCOOP reconhece que é preciso oportunizar o conhecimento da estrutura e do funcionamento de uma cooperativa, vivenciar a doutrina do cooperativismo e descobrir que sua formação contribuirá para a construção de sua trajetória de vida. São enfatizados os aspectos específicos da cooperativa, a forma peculiar de trabalho e organização de empreendimentos solidários, a dupla dimensão da associação de pessoas e empresa, bem como a condição do cooperado, simultaneamente proprietário e usuário / prestador de serviços da organização.

Cooperativismo é um movimento, filosofia de vida e modelo socioeconômico capaz de unir desenvolvimento econômico e bem-estar social. Seus referenciais fundamentais são: participação democrática, solidariedade, independência e autonomia, fundamentado na reunião de pessoas e não no capital. Visa às necessidades do grupo e não do lucro. Busca prosperidade conjunta e não individual. Estas diferenças fazem do cooperativismo a alternativa

socioeconômica que leva ao sucesso com equilíbrio e justiça entre os participantes. (Site: Sistema OCB).

O SESCOOP conta hoje com 27 unidades estaduais, sendo a aplicação do Trabalho de Conclusão de Curso da Pedagogia da Cooperação e Metodologias Participativas em Brasília, na unidade nacional, pois é essa instituição a responsável por replicar os programas, orientações legais e ações sociais no território brasileiro utilizando a expertise de analistas de educação, finanças, comunicação, planejamento, tecnologia, gestão de pessoas e outras especificidades vinculadas ao sistema.

3.2.3 O Processo formativo no SESCOOP

A Constituição da República Federativa do Brasil, em seu Artigo 214, inciso IV discorre da formação para o trabalho, com objetividade, dando espaço para que o tema fosse norteado com detalhamento em legislações complementares. Educação profissional é um conceito de ensino abordado pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação, Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 - LDB, complementada pelo Decreto nº 2.208, de 17 de abril de 1997 e reformulado pelo Decreto nº 5.154, de 23 de julho de 2004.

Art. 39º. A educação profissional, integrada às diferentes formas de educação, ao trabalho, à ciência e à tecnologia, conduz ao permanente desenvolvimento de aptidões para a vida produtiva. (LDB)

Ao usar os termos “permanente desenvolvimento”, “acesso à educação profissional” e “democratização do espaço para o desenvolvimento” identifica-se na LDB a importância de o trabalhador buscar seu desenvolvimento inclusive com possibilidade de reconhecimento de conhecimento adquirido pelos processos de certificação. E para regulamentar a LDB o Decreto nº 5.154 classifica os programas de formação em: inicial e continuada; educação profissional técnica de nível médio; e educação profissional tecnológica de graduação e pós-graduação”, sendo a primeira, a de maior abrangência no SESCOOP.

O SESCOOP atua em três áreas, a saber:

- ensino de formação profissional: realizado por meio de ações voltadas ao desenvolvimento, qualificação e capacitação dos associados, dos dirigentes e dos empregados de cooperativas, alicerçados nos princípios e valores cooperativistas;

- organização e promoção social: tem por finalidade desenvolver ações que possibilitem o alcance da melhoria da qualidade de vida dos empregados de cooperativas, associados e seus familiares. Essa ação se estende também às comunidades em que as cooperativas estão inseridas;

- monitoramento / desenvolvimento das cooperativas: processo de orientação, constituição, assessoramento e acompanhamento de cooperativas. Seus objetivos são desenvolver a qualidade da gestão; preservar a doutrina cooperativista, a legalidade de seu funcionamento, sua credibilidade perante a sociedade, transparência diante do quadro social e garantia de continuidade ao cumprir seus objetivos econômicos e sociais (SESCOOP, 2014).

A educação profissional deve levar ao permanente desenvolvimento com a oferta de diversos cursos propiciando o acesso ao mercado de trabalho e formação integral do indivíduo. O profissional atualizado é o que domina as ferramentas necessárias para realização de um trabalho eficiente e que, se necessário for, saiba corrigir as possíveis deficiências/limitações dos elementos que compõem o processo de trabalho, a fim de uni-los em conformidade, gerando um resultado positivo.

Criado para ser um propulsor de modernização e melhoria organizacional das sociedades cooperativas, os mediadores do SESCOOP realizam um grande trabalho no desenvolvimento de ações de formação, favorecendo a profissionalização de cooperados e funcionários e criando espaços de reflexão e participação para que esses profissionais ampliem suas potencialidades humanas e sociais e desenvolvam um espírito empreendedor e cooperativo.

No âmbito do SESCOOP, a formação pautada na doutrina cooperativista fundamenta-se nas políticas públicas e na prática da cooperação como um exercício de corresponsabilidade para o aprimoramento das competências profissionais, das relações humanas e provocam o desenvolvimento humano, social e cultural. No ambiente cooperativista, o mediador objetiva acionar a cultura da cooperação e os conhecimentos, habilidades e atitudes que potencializem uma experiência qualificada e proativa no trabalho com uma prática reflexiva e desafiadora que vá ao encontro dos ideais de empreendimentos coletivos.

Para isso, é indispensável a participação efetiva de todos os atores desse processo, não se restringindo ao educador e educando. Gestores, parceiros públicos e privados, são fundamentais para o processo educativo, e o SESCOOP tem contribuído significativamente

para a reflexão sobre valores éticos e o respeito à diversidade e a valorização da identidade local conforme localização da unidade estadual e ramo da cooperativa.

4 MÉTODOS

4.1 Tipo de Estudo

Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa e caráter experimental via pesquisa-ação, modelo que se baseia na relação dialética entre pesquisa e ação e proporciona uma ampla e explícita interação entre os pesquisadores e as pessoas implicadas na situação investigada, e destes com a realidade.

Barbier (2002), ao falar sobre a pesquisa-ação, ressalta que “nada se pode conhecer do que nos interessa sem que sejamos parte integrante, ‘actantes’ na pesquisa, sem que estejamos verdadeiramente envolvidos pessoalmente pela experiência, na integralidade de nossa vida emocional, sensorial, imaginativa, racional”. Desse modo, para conhecer as realidades e demandas dos/as mediadores/as do Cooperativismo para desenvolvimento das 7 práticas da Pedagogia da Cooperação que oportunizariam o *VenSer* individual e coletivo do grupo, era necessário que os pesquisadores estivessem verdadeiramente presentes e envolvidos com os participantes, com o ambiente e com os processos.

Nessa perspectiva, foi de interesse dos pesquisadores escolher uma estratégia metodológica que oportunizasse a observação da realidade, o envolvimento permanente de todos e a reflexão-ação coletiva para construção de novos conhecimentos e possibilidades.

4.2 Local de Pesquisa

A orientação para o Trabalho de Conclusão do Curso (TCC) e aplicação da Pedagogia da Cooperação reza que é preciso contemplar as 07 Práticas da Pedagogia da Cooperação, por isso, em 08 de outubro de 2016, o grupo que elaborou este trabalho (Clovis, Edlane, Luiza e Simone) teve sua primeira reunião para alinhamento de interesses, apresentação de expectativas individuais e coletivas e averiguação das necessidades de desenvolvimento pessoal e profissional com a aplicação da Pedagogia da Cooperação. Nessa perspectiva, foram relatadas as possibilidades de aplicação considerando os ambientes profissionais dos integrantes do grupo, considerando as características: Organizacional, Educacional, Comunitário ou Transformação pessoal.

Foram apresentados os ambientes profissionais em que cada um se encontra, sendo que:

- **Conselho Federal de Nutricionistas:** entidade passava mudança de sede e alteração de coordenação, momento não oportuno para o estabelecimento de contato inicial;
- **Instituto Federal:** das duas possibilidades de parceria de aplicação, a que melhor se adequaria seria a localizada na Asa Norte, uma vez que a outra alternativa seria fora do Distrito Federal. Contudo, a ocupação estudantil - movimento político que ocorreu no final do ano - inviabilizou a continuidade da negociação no local;
- **Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo:** foi apresentado como oportunidade em função da abertura para a utilização da educação cooperativa ser uma prática na instituição e pela possibilidade de alta adesão de participante pelo forte vínculo com os objetivos estratégicos e políticas de benefícios da área de gestão de pessoas.

Em função dos procedimentos internos para a aplicação, logo após a primeira reunião com o orientador do TCC (Fábio Brotto), o grupo iniciou as tratativas com a área de gestão de pessoas do SESCOOP para dar continuidade ao TCC.

4.3 Percurso Metodológico

Após avaliar os locais e públicos para aplicação das 7 práticas da Pedagogia da Cooperação, o nosso grupo de pesquisa optou por realizar a atividade de Trabalho de Conclusão de Curso no Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo – SESCOOP. Para isso, realizaram reunião com o orientador e deram sequência ao planejamento: definiram tema, questão de pesquisa e objetivo, escreveram um pré-projeto de pesquisa e marcaram uma reunião no dia 17 de fevereiro com as analistas do setor de Gerência de Pessoas do SESCOOP – GEPES.

O nosso grupo de pesquisa adequou a reunião aos procedimentos da Pedagogia da Cooperação. Reservou sala que favorecesse a disposição em círculo, organizou o centro (mesmo que com uma simbologia convencional – estojo com lápis, suco e biscoitos: alimento para o corpo e mente) e levou apresentação em PowerPoint que facilitasse a comunicação.

O grupo primou por um *Com-tato* que contou com apresentação prévia do grupo por e-mail e, pessoalmente, relatando ‘*Quem somos nós quando nos unimos uns aos outros*’, dizendo do perfil profissional de cada um, onde trabalham, como nossas opções de aplicação do TCC nos fizeram chegar ao SESCOOP. Também tratou da grade curricular do curso³, do Projeto Cooperação e da instituição certificadora – Unip.

Para ‘cuidar’ do desenrolar da reunião, foi encaminhando para a Gerência de Pessoas a pauta da reunião e a proposta de aplicação do TCC alinhada aos objetivos de gestão de pessoas. Nesta reunião, recebemos a autorização para a aplicação e a definição de data e local (de 11 a 13 de abril de 2017).

As 20h de aplicação foram divididas da seguinte forma:

- Dia 11/4 – 4h – *Com-Tato, Com-Trato e In-Quieta-Ações*
- Dia 12/4 – 8h – *Alianças & Parcerias e Soluções Como-Uns*
- Dia 13/4 – 8h – *Projetos de Cooperação e VenSer.*

Traçamos uma proposta de aplicação com a definição dos papéis de cada membro do grupo para cada prática da cooperação (focalizador, apoio material, apoio intuitivo e registro) e intencionalmente optamos por aplicar no primeiro dia apenas na parte da manhã para que tivéssemos tempo para fazer adequações no turno da tarde a partir de percepções que tivemos do grupo.

4.4 O Público

O público também foi definido. Seriam convidados 23 (vinte e três) moderadores de processos participativos que vêm participando de atividades formativas no SESCOOP. O SESCOOP Nacional trabalha disseminando ferramentas pedagógicas, sociais, contábeis, financeiras, de auditoria, gestão de pessoas e comunicação em suas unidades estaduais. Por isso, trabalha com mediadores que utilizam um enfoque participativo. Esses mediadores são constantemente formados para reunir técnicas e instrumentos que facilitem o processo de debate e de intercâmbio de experiências, melhorando a dinâmica dos eventos, contribuindo para aumentar a capacitação, a organização e a responsabilização dos envolvidos. Por isso, foram convidados a conhecer a Pedagogia da Cooperação na oficina realizada pelo grupo de

³ Programa do curso disponível em <http://www.projetocooperacao.com.br/pos-graduacao/pedagogia-da-cooperacao/>

pós-graduandos. Estiveram presentes uma gestora de documentação e analistas das seguintes áreas: comunicação, orçamento e planejamento, desenvolvimento e gestão, documentação, técnico e econômico, gestão de pessoas e uma secretária executiva.

Da abertura, também participou a Gerente de Pessoas, a Gerente de Desenvolvimento Social e a duas analistas de gestão de pessoas.

5 APLICAÇÃO DAS SETE PRÁTICAS

5.1 Descrição das atividades desenvolvidas e produtos co-construídos

5.1.1 Com-Tato

Organização do espaço

O dia começou com a organização do espaço para recebimento dos participantes. A intenção era transformar uma sala convencional de reuniões em um ambiente acolhedor. Nesse sentido, as cadeiras do local foram dispostas em círculo, as mesas afastadas e decoradas com tecidos coloridos, foi montado um centro que simbolizasse cooperação com escultura característica, tecido de crochê e materiais de papelaria comumente utilizados pelos participantes em dinâmicas de grupo, foi colocada música celebrativa e foi montada uma mesa de comidas e bebidas para recebimento dos envolvidos, que foi mantida durante toda a manhã.

Abertura pelo SESCOOP

A gerente da Gerência de Pessoas fez a abertura e ao dizer bom dia se espantou com a energia que as pessoas já traziam. Disse ela: “Que bom dia com energia!”. Uma participante da oficina, respondeu: “Já chegamos de coração aberto!”. A gerente seguiu sua fala enfatizando a importância do trabalho que seria desenvolvido na oficina, em conexão com o propósito da organização. Disse ela: “O trabalho participativo no SESCOOP está em nosso DNA, por isso investimos na formação de moderadoras/es”. Ela também expressou impressões sobre o ambiente preparado para a atividade: “Acho que vai ser uma atividade bem lúdica, pois vemos aqui materiais coloridos e a disposição das cadeiras em círculo. Aproveitem”.

Apresentação da equipe de focalização

Sentada entre as participantes no círculo, a equipe se apresentou dizendo seus nomes e amores: filha, companheiro e natureza; companheiro e bebê que está em gestação; bênçãos que tem recebido e da fé; e o mar, a imensidão do horizonte no mar.

Customização de crachás

Como a gerência de pessoas já havia preparado os crachás, a equipe de focalização convidou as participantes a pensarem em amores de sua vida, gostos e *hobbies* e customizarem

seus crachás. Nesse momento, foram anotadas algumas falas no grupo: “É para desenhar?”; “Eu não sei desenhar!”; “Você pode desenhar minha família?”

Partilha de amores

Em duplas, as pessoas compartilharam com diferentes pessoas seus amores, gostos e *hobbies*. A energia do grupo na partilha estava bem alta. Em círculo, cada pessoa se apresentou expondo o(s) amor(es) que mais “arrepia(m)”. Abaixo o que foi compartilhado:

Filha	Filhos / Dançar	Família / Conexão espiritual
Família	Terra, natureza, cachoeira / Crianças	Nova família / Espiritualidade / Natureza
Família / Dança	Família ⁴	Viver aqui e agora / vida e liberdade ⁵
Filha / Mãe / Marido / Sol / Água ⁶	Família / Bichos / Espiritualidade ⁷	

Pode-se observar que as pessoas já se sentiram à vontade para reforçar seus contatos e, quando um dos participantes ficou em dúvida sobre o quanto deveria se abrir outro respondeu: “Se vai acalantar seu coração, cospe. O discurso não pode ser diferente da prática. Cospe e mergulha no cuspe.” Enquanto outra disse: “em poucos minutos que estamos juntos já anotei um monte de coisas para replicar”.

5.1.2 Com-Trato

As pessoas participantes foram convidadas a responder em pequenos papéis: “O que você precisa para ficar bem durante o momento que estivermos juntos/as?”. Abaixo segue a digitação de todos os papéis que foram colados no cartaz.

⁴ Nesse momento, uma participante disse: não vai chorar. Uma focalizadora disse: Deixa chorar que eu também choro. O participante respondeu: Não chora, senão eu choro.

⁵ Nesse momento, participante disse que está conectada e aberta para a experiência.

⁶ Nesse momento, participante disse: “Estou me sentindo muito bem aqui, acolhida. Gosto de estar em ambientes em que pessoas se preocupam com a preparação sutil”.

⁷ Nesse momento, participante falou que gosta de estar aberto ao que vem. Disse: “Estou muito em paz com o que sou e com o processo de aprendizagem”.

Concentração	Sentir-me em paz	Interação
Interesse e desconexão com o mundo exterior	Estar focada aqui	Tranquilidade
Ser eu mesma	Compartilhar ideias	Café e água
Espaço de criatividade e respeito	Conhecimento	Esquecer do trabalho
Harmonia	Presença	Alegria
Respeito com ideias diferentes	Trocas genuínas	Respeito com o outro

Ao final, após leitura interativa de cada necessidade, foram realizados dois acréscimos: cuidado com os horários (início: 8h30; almoço: 12h às 13h30; término: 18h) e bom humor. Grupo assinou Com-Trato com polegares pra cima unidos e exclamação de um “Hip, hip, Hurrah”. Observou-se que o grupo de participantes expôs suas necessidades sem receios e ponderou aspectos importantes para o funcionamento das atividades.

5.1.3 In-Quieta-Ações

Em duplas, as pessoas foram convidadas a realizar jogo cooperativo e conversar apenas com perguntas sobre os seguintes temas: “um dia no zoológico”; “no elevador”; “cooperação”. A proposta era apenas quebrar o gelo e estimular a capacidade de realizar perguntas, pois na sequência seriam trabalhadas as In-Quieta-Ações, ou seja, desejos, curiosidades e interesses de trabalho conjunto.

A intenção ao quebrar o gelo com um jogo divertido era possibilitar a abertura para os questionamentos e também a percepção sobre a disposição à investigação. Ao final da dinâmica, grupo relatou brevemente dificuldade em fazer só perguntas e o hábito que se tem em dar/pensar apenas respostas.

Posteriormente, o grupo foi convidado a caminhar em torno de 3 mesas, separar-se em grupos de 3 pessoas e registrar em cartazes, como uma chuva de ideias, quais questões tinham

a respeito do tema: cooperação no cooperativismo⁸. Foi dada a orientação de escrever perguntas até que o cartaz estivesse completo.

Na sequência, foi sugerido que as pessoas dessem uma olhada em todas as perguntas propostas para averiguar se novas questões surgiam para registro. Em seguida, houve a formação de novos subgrupos e estes tiveram que escolher as três questões que mais os instigavam no cartaz em que estavam.

Depois, em novo subgrupo, foram orientados a selecionar a principal In-Quieta-Ação com a intenção de trabalhá-la durante a vivência. Abaixo estão as questões geradas na chuva de ideias, organizadas pelos cartazes em que foram geradas, estão sublinhadas as três escolhidas na primeira priorização em subgrupos:

Cartaz 1:

- Como transformar a ação dentro do cooperativismo?
- Quais são os valores que o cooperativismo tem que podemos transformar em ações?
- Do que o cooperativismo precisa?
- Como você dissemina a cooperação?
- Você faz cooperação?
- O que é cooperação para você?
- Vamos cooperar?
- Você acha que a cooperação é uma solução para o mundo?
- Me diz como você pratica a cooperação?
- Você sabe cooperar?
- O que é cooperação?
- Você tem ideia de cooperar ou coopera com ação?
- A prática da cooperação pode ser no lar?
- Cooperação no cooperativismo: eu sou isso?
- Cooperação no cooperativismo: é presente? É passado? É futuro?

⁸ Esse tema foi definido a partir do objetivo do trabalho aqui descrito.

- Cooperação no cooperativismo: é filantropia? É solidariedade? É caridade? É um modo de economia? É a fusão entre o capitalismo e o socialismo? É a principal ferramenta da sustentabilidade?
- Cooperação no cooperativismo: por que existe mais e mais forte no sul / sudeste do Brasil e é mais fraco e menos no norte /nordeste?

Cartaz 2:

- O que você faz para cooperar no seu trabalho?
- Dá para cooperar sem deixar egos de lado?
- Você é feliz sem cooperar no seu trabalho, em casa, no seu condomínio?
- Cooperar é co-operar para você?
- Quer conhecer mais sobre cooperativismo?
- Temos que ser exemplos em cooperação para trabalharmos com cooperativismo?
- Como respeitar individualidades no contexto da cooperação?
- Cooperando o cooperativismo cresce?
- Onde nasce a cooperação?
- As cooperativas cooperam entre si?
- Cooperativismo X Cooperação?
- O que é cooperar?
- Você sabe cooperar?
- Você gosta de cooperar?
- Como as pessoas cooperativistas cooperam?
- Como você coopera com as cooperativas?
- Você sabe o que é cooperar?
- Cooperar te deixa feliz?
- Quem trabalha no cooperativismo coopera?
- Qual a essência do cooperativismo?
- Cooperar não é ver a necessidade do outro?
- O que é fundamental para que a cooperação seja fortalecida na Casa do Cooperativismo?
- Será que as pessoas sabem cooperar tão quanto entendem de cooperativismo?

Cartaz 3:

- Cooperar é sinônimo de amor ao próximo?
- Filantropia é igual a cooperativismo?
- Cooper-ativismo?
- Cooperativismo é cooperar?
- Como cooperar e competir?
- Coop - o que diz esta raiz?
- Qual é a diferença entre cooperação e competição?
- Como você contribui para cooperar no seu dia-a-dia?
- Cooperar é amar? É se preocupar? Então porque tanta competição?
- Se você cooperar para o alcance dos objetivos comuns qual será o seu mérito individual?
- O que é cooperação no cooperativismo?
- Cooperar e ganhar! Cooperar diferente de competir?
- Cooperação já não está no DNA do cooperativismo?
- O cooperativismo sem essência pode ser maléfico? Ou ainda assim é bom?
- Como o cooperativismo coopera na sua vida?

Ao final, as seguintes In-Quieta-Ações foram selecionadas:

Cartaz 1: Você faz cooperação?

Explicação do grupo relacionada à escolha: É uma pergunta autorreflexiva que convida a pensar se você faz cooperação, como e em que contexto.

Cartaz 2: O que é fundamental para que a cooperação seja fortalecida na Casa do Cooperativismo?

Explicação do grupo relacionada à escolha: Gerar reflexão se o discurso na casa (sistema OCB) é diferente da prática. A casa possibilita cooperação? As pessoas sabem cooperar e, se cooperam, são reconhecidas e bem avaliadas? A Cooperação deve acontecer de verdade!

Cartaz 3: Se você cooperar para o alcance dos objetivos comuns qual será o seu mérito individual?

Explicação do grupo relacionada à escolha: Questionamento se existe mérito individual para o alcance dos objetivos comuns. Se sim, quais são eles? Isso pode contribuir a dar passo a diante.

Oncotô Proncovô

Foi realizado rápido esclarecimento sobre as 7 práticas da Pedagogia da Cooperação, quando indicamos o percurso da oficina, e apresentamos suas 4 pequenas virtudes: desapego, integridade, plena atenção e abertura para compartilhar. Foi interessante que o grupo constatou que as virtudes estavam muito relacionadas ao *Com-Trato* estabelecido pelo grupo previamente, o que possibilitou a constatação que todos estavam aptos e comprometidos a exercê-las permanentemente durante a oficina.

Neste momento, surgiu uma dúvida relacionada a como utilizar a Pedagogia da Cooperação em um grupo específico com um tempo limitado de prática. Assim, uma das focalizadoras exemplificou o uso das 7 práticas em uma conversa breve.

Também foi esclarecido que a intenção das atividades no SESCOOP não seria ensinar a desenvolver as 7 práticas, mas vivenciá-las, e que o grupo poderia observar possibilidades de técnicas/processos interessantes para aprofundamento e utilização posterior.

Fechamento

O grupo foi convidado a participar do Jogo Cooperativo “Tu Gota de Mim / Pusquê? E é bom?”; a realizar a dança circular com a música *Kumbalawê* e, em seguida, antes do encerramento do dia, cada pessoa expressou, em uma palavra, como estava saindo. As principais palavras exaltadas foram: felicidade, tranquilidade, alegria, paz e sossego. Foram dados avisos gerais e realizado convite para participação nas atividades do dia seguinte.

5.1.4 Alianças & Parcerias

No dia seguinte, o grupo foi recebido e convidado a participar em uma atividade em que a linguagem não verbal era a forma de expressão (dinâmica de musicoperação). Inicialmente, com a música *Bom Pra Você*, cada pessoa criava uma parte de coreografia no ritmo da música e o outros replicavam. Posteriormente, o grupo foi estimulado a experimentar

movimentos de percussão corporal. Por fim, somente com gestos, o grupo foi convidado a sair da sala de treinamento e ir ao jardim. A ida para outro ambiente estava relacionada à pedido no Com-Trato de desconexão com mundo exterior/do trabalho.

Chegando no espaço escolhido, o grupo foi convidado a vivenciar o jogo “Nó Humano”, seguido imediatamente pelo jogo “Montanhas e Precipício”, “Cadeira Livre” e, por fim, a “Dança das Cadeiras Cooperativas”. O anexo IV traz a descrição de cada uma dessas atividades.

O processamento das atividades vivenciadas foi realizado ao final da sequência realizada. Nesse momento, o grupo foi estimulado a falar a respeito das sensações e percepções, bem como de aprendizados que tiveram no decorrer dos distintos jogos vividos.

Foi dito que houve uma energização e integração a partir das atividades em um ambiente de liberdade e diversão. Também que o grupo soube manter o foco nas tarefas, esteve plenamente concentrado nas atividades. O grupo apontou que houve entrega, confiança e colaboração entre os participantes. Foi possível notar que as pessoas fizeram conexões das atividades com o ambiente de trabalho. Abaixo, alguns trechos de falas realizadas no processamento, agrupadas por temas e não sequência de expressão:

- Vivência nos jogos:
 - Tive insegurança de ir e deixar alguém para trás.
 - Indo de mão dada já era difícil, imagina sozinha!
 - Achei que não ia dar, mas deu.
 - Quando eu soube que eu podia participar, me envolvi.
 - Houve um despertar individual para a coletividade.
 - A solidariedade foi o ponto alto.
 - Pude ver a força da cooperação
 - Estar aberta e ver que isso é recíproco traz um bem-estar.
 - O experimento fez a gente se aproximar mais.
 - Confio na maturidade do grupo para realizar o que precisa ser realizado.
 - Foi bom ver todos envolvidos para completar a tarefa.
 - O que vivemos pode ajudar no curso de moderador.
 - Não necessariamente o que aprendemos precisa trazer um resultado específico para o trabalho, podemos viver a cooperação em todos os âmbitos.

- Aprendizados gerados:
 - Meu parâmetro é diferente do outro.
 - Às vezes, é importante desapegar de algumas crenças.
 - É muito importante haver liderança.
 - O impulso de querer ajudar, às vezes, atrapalha.
 - É necessário controlar a ansiedade e respeitar limites e condições do outro.
 - Preciso ter respeito pelo espaço do outro.
 - É preciso entender os sinais não verbais do outro.
 - É preciso confiar para ter sucesso.
 - Cooperação é comportamento.
 - Quando a gente pratica, aprendemos com outros estímulos.
 - Você não precisa dizer “venha cooperar”, pois as pessoas percebem e vão.
 - No comando da coreografia musical, vi o quanto o silêncio fala.
 - A gente se preocupou em cuidar primeiro dos mais vulneráveis.
 - Partimos do individual para o coletivo.

- Questões sobre o processo:
 - Até esqueci que estamos em um ambiente de trabalho.
 - Tenho dificuldade de realizar uma atividade sem racionalizar o propósito.
 - A linguagem não verbal chama para a não racionalização.
 - Houve uma sequência lógica entre as atividades. Está sendo diferente para mim.
 - Tudo o que a gente faz pode agregar valor ao nosso desenvolvimento.
 - O que se aprende aqui, levaremos para a vida.
 - Estamos aqui fazendo terapia.
 - Tenho valorizado o fazer.
 - Como lidar com a resistência?
 - E quando há alguém que não quer participar?
 - Para acontecer a cooperação precisa que todos participem do mesmo jeito?
 - Falar de cooperação é mais fácil que vivenciar?

5.1.5 Soluções Como-Uns

No retorno do intervalo, o grupo foi convidado a formar duplas e falar por três minutos sobre um tema apaixonante. Quem escutava devia demonstrar atenção. Após duas rodadas, o grupo foi convidado a continuar falando de temas significativos, mas agora quem escutava não podia prestar atenção e deveria demonstrar isso. A rápida vivência foi encerrada com o convite a entrar num espaço de fala verdadeira e escuta atenta.

Em seguida, grupo foi conduzido a dialogar sobre as questões formuladas no momento de In-Quieta-ações por meio de um World Café⁹ em que cada uma das três mesas conversava sobre uma das perguntas levantadas. Foram realizadas três rodadas de aproximadamente 20 minutos cada, oportunizando a participação de todos em todas as mesas. Ao final, cada subgrupo foi estimulado a sintetizar o conteúdo tratado na mesa em até seis frases ou palavras-chave, escrevendo-as em cartelas.

No retorno do almoço, o grupo foi convidado a uma dança circular com a música *Completo*. Em seguida, de pé, em círculo, as pessoas foram estimuladas a respirar, silenciar a mente, conectar-se com o grupo e deixar os compromissos do lado de fora da sala. Silenciosamente, os subgrupos retornaram às mesas de antes do almoço. Foi dito que cada pessoa deveria escrever, em silêncio, uma frase que sintetizasse o que foi falado na mesa e escrito nas cartelas e tentasse responder a In-Quieta-Ação geradora da conversa. Em seguida, mantendo o silêncio e a inteligência coletiva, o subgrupo deveria escrever uma frase que fosse capaz de sintetizar uma resposta comum do grupo, que contemplasse as frases escritas individualmente. Para tal, uma pessoa iniciava a escrita de sua frase em uma cartolina e as outras pessoas iam complementando ou alterando algo do texto já escrito até a obtenção da frase final. A seguir, encontra-se as perguntas geradoras e as respostas construídas coletivamente pelos subgrupos.

- o Você faz cooperação?
 - Cooperar com ações de forma participativa, resulta na engrenagem da cooperação e inspira mais pessoas, assim, minimizando a competitividade e promovendo a cooperação genuína. “SIM”.

⁹ Conhecida como World Café, a metodologia desenvolvida por Juanita Brown e David Isaacs propõe a polinização cruzada quando as pessoas, em pequenos agrupamentos para rodadas sucessivas de conversa, têm liberdade para passar para outros grupos, interagindo com novas pessoas, e assim polinizar ideias cruzadas. Para saber mais: BROWN, Juanita. & ISAACS, David. O World Café: dando formas ao nosso futuro por meio de conversações significativas e estratégicas. São Paulo: Cultrix, 2007.

- o O que é fundamental para que a cooperação seja fortalecida na Casa do Cooperativismo?
 - Estarmos comprometidos em fortalecer a cooperação e seu real sentido, usando estratégias de comunicação e, acima de tudo, buscando a coerência por meio de atitudes cooperativas, de fato, já que a cooperação é um exercício contínuo.

- o Se você cooperar para o alcance dos objetivos comuns qual será o seu mérito individual?
 - A integração de atitudes cooperativas individuais, com objetivos comuns, geram satisfação, pertencimento, qualidade de vida e sentimento de dever cumprido, impactando positivamente nos resultados coletivos. Isto é mérito individual.

Uma participante compartilhou percepção sobre a atividade e a inteligência coletiva gerada pelo momento. Ela explicou que há coisas que sabemos que sabemos, coisa que sabemos que não sabemos e uma imensidão de coisas que nem sabemos que não sabemos. Segundo ela, a inteligência coletiva acessa justamente a parte de nossa inteligência que desconhecemos. Assim, propôs ao grupo uma rápida atividade para perceber o fluxo da inteligência coletiva. De início, pediu ao grupo para caminhar pela sala de olhos abertos e ao seu sinal parasse. Em seguida, solicitou que dois dos integrantes seguissem a caminhada e o restante do grupo ficasse parado. A dupla parava e outra dupla deveria sair andando, sem que ninguém falasse ou expressasse em gestos. Após alguns movimentos, a participante sugeriu que o grupo continuasse a tarefa com os olhos fechados. Duas pessoas deveriam andar e o restante do grupo permanecer parado, sendo também efetuadas trocas. Pode-se observar que mesmo com os olhos fechados, sempre duas pessoas mantinham a caminhada. O grupo era capaz de perceber o momento de parar e andar para cumprimento do objetivo comum.

Após a atividade sobre inteligência coletiva, o grupo foi convidado a partilhar o resultado do trabalho dos subgrupos. Cada subgrupo leu perguntas (In-Quieta-Ações) e respostas (Soluções Como-Uns), também fazendo um breve histórico de como tais sínteses foram elaboradas. O histórico foi realizado a partir de uma participante que afirmou não saber se conseguiram “agregar tudo o que foi produzido”. Outra participante comentou sobre o

processo: “Foi difícil mexer na frase do outro, mas quando nos permitimos funcionou”. No decorrer da partilha, também foram realizados alguns comentários sobre o contexto organizacional que seguem abaixo:

- o A gente acha que a Casa (SESCOOP) não estimula a cooperação entre áreas.
- o Uns podem mais que outros.
- o Precisamos de estímulos da Casa (SESCOOP) para cooperarmos, embora cooperemos entre profissionais.
- o A cooperação é um discurso que a gente usa, mas a gente não faz. Cooperamos no baixo clero, mas há competitividade entre áreas.
- o A organização se intitula Casa do Cooperativismo, mas nem sempre fazemos.
- o Precisamos incluir no plano de desenvolvimento individual atitudes ou habilidades para a cooperação.
- o Talvez seja necessário, já na seleção de pessoal, incluir a busca de pessoas com valores cooperativos.
- o Muitas vezes não fazemos cooperação e queremos cobrar dos estados.
- o Se a gente não consegue, na porta de entrada, que a gente estimule os valores da cooperação, enquanto a pessoa trabalha na Casa (SESCOOP), como disseminá-la?

Posteriormente, ao perceber que o foco dos comentários estava orientado para alguns aspectos negativos da organização, grupo de pós-graduandos optou por desenvolver conversas e reflexões baseados nos processos de investigação apreciativa, buscando aspectos positivos relacionados a cooperação que existiam dentro e fora da organização. A intenção era buscar experiências e explorar possibilidades a partir de um núcleo positivo.

Para isso, as pessoas foram convidadas a assistir o vídeo *Take a Seat, Make a Friend* (sente-se e faça um amigo – tradução livre) e estimuladas a se imaginar em uma piscina de bolinhas conversando sobre boas histórias ou experiências de cooperação, seja na organização ou em outros ambientes. Foram compartilhadas as experiências abaixo:

- o Visita a uma cooperativa com descendentes de holandeses que decidem tudo por consenso. Mesmo sendo difícil e demorado o processo, percebeu-se grande respeito pelo coletivo.

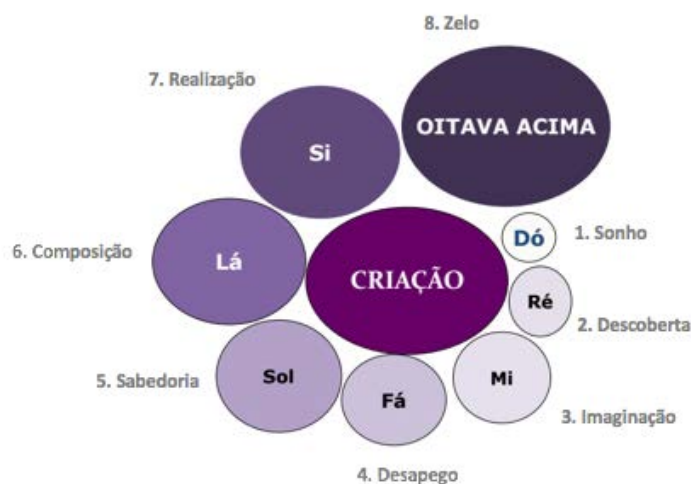
- o Participação no comitê que negociou com dirigentes o acordo coletivo da organização. Na iniciativa de mobilização interna, foi possível perceber a contribuição de todas as pessoas interessadas.
- o Iniciativa de grupo de marmiteiros (funcionários que trazem marmita e almoçam juntos no refeitório) que contagiou a organização com ação de apoio a entidades socioassistenciais. A atividade que surgiu no espaço de confraternização foi incorporada com a criação da comissão de voluntariado.
- o Viagem com mergulhadores que demonstrou a força do trabalho em equipe. O desafio coletivo parece ter gerado colaboração e bem-estar coletivo, sendo perceptível as ações cooperativas na execução das tarefas para o mergulho.

Com o intuito de celebrar a elaboração das Soluções Como-Uns e a partilha de práticas inspiradoras que possibilitam a apreciação do caminho já existente de cooperação no SESCOOP, o grupo foi convidado a dança circular com a música *Shetland Wedding*. Ao final, antes do intervalo, um participante disse com alegria que se surpreendeu, pois além de se ver dançando, viveu um momento tão lindo que se sentiu no filme “Senhor dos Anéis”.

5.1.6 Projetos de cooperação

Ao retornar do intervalo, grupo foi convidado a revisitar todas as etapas percorridas até o momento a partir da dinâmica “E aí...”. Uma pessoa iniciou falando do começo da oficina e participantes voluntariamente foram completando o mosaico de memórias. Foi enfatizado ao grupo que a oficina foi estruturada no caminho das sete práticas da Pedagogia da Cooperação, mas que as atividades em cada momento não eram metodologias completas e foram sim inspiradas, mas adaptadas ao propósito. Dito isso, o grupo foi apresentado à prática dos projetos de cooperação, com inspiração na vivência do módulo musicoperação (figura 3).

Figura 3 - As 8 etapas do projeto pela musicoperação



De início, o **sonho**. Em três subgrupos, participantes foram estimulados a pensar e anotar ingredientes de um projeto cooperativo.

- Em seguida, a **descoberta**. Os subgrupos foram convidados a escolherem alguns elementos fundamentais/principais, os pilares que deveriam orientar o projeto.
- Com base nas In-Quieta-Ações (questões) e Soluções Como-Ums (respostas) que estavam dispostas em cada uma das mesas, os subgrupos deveriam passar à **imaginação**. Deveriam elaborar um projeto de cooperação a ser realizado no dia seguinte com os participantes e recursos ali disponíveis. Deveriam descrever o projeto com nome, propósito, objetivo, participantes, duração, desenvolvimento e recursos. Abaixo encontra-se os projetos elaborados:

Projeto 1 (referente à In-Quieta-ção: Você faz cooperação?):

- Nome: Termômetro da cooperação do sistema
- Propósito: Identificar o nível de participação dos colaboradores em ações voltadas para a cooperação.
- Objetivo: Diagnóstico: Rumo à cooperação para o desenvolvimento de novos projetos / ações.
- Participação: Colaboradores do Sistema (Meta: no mínimo 15 pessoas)
- Duração: 1 dia
- Desenvolvimento: Elaboração do questionário; Sensibilização; Aplicação; Tratamento das informações; e Apresentação.

- Recursos: Questionário, caneta, papel, pessoas.
- Próximos passos: Divulgação dos resultados; Desenvolvimento de um projeto norteador; Apresentação às áreas gestoras de projetos; Aprovação; e Implementação.

Projeto 2 (referente à In-Quieta-Ação: O que é fundamental para que a cooperação seja fortalecida na Casa do Cooperativismo?):

- Nome: Vivenciando a cooperação
- Objetivo / propósito: Proporcionar vivências de cooperação. Fortalecer a cooperação na casa do Cooperativismo.
- Participantes: Grupo de multiplicadores
- Duração: 2 meses
- Desenvolvimento:
 - Módulo I - Identificação das atitudes de cooperação
 - o Encontro de 4 h com os participantes para reflexão e identificação das atitudes (tempestade de ideias, agrupamento, depoimentos)
 - o Tarefa de casa: observar no ambiente de trabalho as atitudes de cooperação (1 semana)
 - Módulo II - Vivenciando a cooperação
 - o Encontro de 2h com focalizador do projeto cooperação (contratado) para orientar as vivências.
 - o Encontro de 2h com os participantes para realizar as vivências.
 - o Próximos passos: os participantes multiplicarem as atitudes de cooperação.
- Recursos: Focalizador (PC) e internos; Local; Infraestrutura e materiais; Alimentação; Dinheiro

Projeto 3 (referente à In-Quieta-Ação: Se você cooperar para o alcance dos objetivos comuns qual será o seu mérito individual?):

- Nome: Um por todos e todos por um
- Propósito: Ampliar a consciência individual sobre o processo de cooperação.
- Objetivo: Representar visualmente o nosso aprendizado nesta oficina sobre o processo de cooperação.

- Participação: todos
- Duração: 5´ Orientação; 10´ Desenvolvimento; 5´ Finalização
- Desenvolvimento: Duas dinâmicas de vivência da cooperação que proporcione a amplitude da consciência individual para o coletivo.
 - Recursos: balões coloridos; palitos de dente; folhas A4; canetas e lápis coloridos.

Após a fase de imaginação em que os projetos foram elaborados, participantes foram convidados a percorrer as mesas e reconhecer o que foi produzido. Em seguida, veio o **desapego**. Como em situações corriqueiras na organização, participantes foram orientados a se desvencilhar das ideias formuladas e receber em suas mãos um projeto elaborado por outro subgrupo para realização.

Por fim, a fase da sabedoria. O mesmo subgrupo deveria agora se posicionar na frente de outra mesa e receber o novo desafio que seria realizado na manhã seguinte no tempo de 40 minutos. Foi avisado que o dia seguinte seria iniciado com um tempo de preparação para a realização.

Apesar da tensão inicial relacionada ao desapegar-se grupo aceitou o desafio de imergir em novo projeto. Foram dados avisos gerais e concluída a atividade do dia.

No dia seguinte, participantes cumprimentaram-se com abraços calorosos na chegada. As pessoas foram convidadas a fazer um alongamento ao som da música *Levantar um braço*. Voltando às mesmas mesas em que receberam no final do dia anterior o desafio de realizar um projeto que não formularam, participantes foram orientados a viver a fase da **composição**. Em subgrupos, deveriam adaptar as ideias prévias aos recursos materiais disponíveis, ao tempo indicado: 40 minutos para cada projeto e às novas ideias que surgissem.

Na fase de **realização**, cada subgrupo executou seu projeto. Abaixo a descrição das atividades realizadas e o registro de produtos.

Subgrupo 1: Projeto - Termômetro da cooperação do sistema (referente à In-Quieta-ção: Você faz cooperação?):

- O subgrupo iniciou convidando todo o grupo a caminhar pela sala livremente. Em determinado momento, as pessoas começaram a se empurrarem, saindo de suas trajetórias. Em seguida, o grupo foi

orientado a formar, em pé, um círculo bem fechado (ombro a ombro). O subgrupo empurrou os indivíduos que perceberam que a força do coletivo em círculo os protegia e o empurrão não os tirava da posição.

- O subgrupo convidou as pessoas a sentar e escrever em pequenos papéis palavras-chave para responder a seguinte pergunta: o que é cooperar? Cada pessoa escreveu e livremente foi ao painel para expor sua produção e agrupar em colunas ideias semelhantes a dos colegas. Abaixo a digitação do painel:

Contribuir com o outro	Valorizar o outro	Desapego
... se doar ... colaborar ... entregar	Respeitar	... é estar junto no erro do outro
Agir em conjunto para um ou mais objetivos comuns	É se encontrar com as diferenças	Escuta ativa
Co-laboração Trabalho conjunto	Ajudar	Cooperar é atitude contínua
Co operar Fazer junto	Participar	Trabalho
Cooperar é sonhar e fazer junto	Cuidar do outro e de si	Ideias Inovação
Cooperar é agir		
Coletivo		
Colaborar		

Sensibilidade relacionada às necessidades individuais e coletivas		
---	--	--

- Na sequência, o subgrupo pediu aos participantes que preenchessem o seguinte questionário.

<p>Projeto: Termômetro da Cooperação</p> <p>Propósito: Identificação do nível de participação dos colaboradores para ações voltadas à cooperação.</p> <p>a. Você faz cooperação?</p> <p>() Se sim, como?</p> <p>() Se não, por quê?</p> <p>b. Indique a sua escala de cooperação na casa. Selecione o item mais aderente a sua colaboração:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. não participo; 2. quando é conveniente; 3. participo em momentos pontuais; 4. gosto de cooperar e acho importante, pois é um dos valores do cooperativismo. <p>c. Você considera que os colaboradores fazem cooperação?</p>

- Enquanto uma parte do subgrupo fez a tabulação dos questionários, uma integrante exibiu aos participantes dois vídeos relacionados à temática da cooperação: Lição dos Gansos (disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CEwcPiJF4KI>) e Orquestra (disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pxOeuCXZFmw>).
- As informações dos questionários foram consolidadas e apresentadas ao grupo. 100% de respondentes disse fazer cooperação. Entre as formas apontadas estavam: ouvindo, ajudando o próximo, respeitando o outro, participando nos projetos do sistema. Na escala de cooperação, 25% de respondentes marcaram a opção 3 (participo

em momentos pontuais) e 75% de respondentes marcaram a opção 4 (gosto de cooperar e acho importante, pois é um dos valores do cooperativismo). Com relação à percepção da cooperação entre colaboradores, as respostas indicaram que há mais cooperação em ações pontuais necessitando mais estímulo para cooperar.

- Ao final, foi dito por um dos participantes que o próximo passo deveria ser aplicar o questionário com colaboradores de toda a organização.

Subgrupo 2: Projeto - Vivenciando a cooperação (referente à In-Quieta-Ação: O que é fundamental para que a cooperação seja fortalecida na Casa do Cooperativismo?):

- O subgrupo iniciou a atividade convidando o grupo a formar um círculo, em pé, para que cada pessoa falasse seu nome, área de trabalho e uma palavra que a definisse.
- Em seguida, o subgrupo exibiu dois vídeos: Trabalho em equipe (disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=twg9SCt76UE>) e Menino e a árvore (disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=02Q4f7T4vi0>).
- Após a exibição de cada vídeo, as pessoas foram estimuladas a mencionar atitudes cooperativas observadas.
- Na sequência, o subgrupo seguiu para um diagnóstico relativo à cooperação na organização com a seguinte questão: Conseguimos ver essas atitudes na Casa do Cooperativismo? O grupo foi convidado a levantar atitudes observáveis e ações que já ocorrem. Segue o que foi mencionado:
 - Dia de cooperar.
 - Apoio do centro de documentação a uma cooperativa que buscava ajuda para um projeto de memória institucional.
 - Mesmo quando assoberbadas de trabalhos, as pessoas se dispõem a ajudar as outras.
 - Há separação entre âmbitos pessoal e profissional, pois quando não é possível colaborar por conta da correria as pessoas entendem a situação.
- O grupo foi dividido em dois subgrupos para que identificassem atitudes que precisam ser fortalecidas na organização e, em seguida, percebessem quais ações e comportamentos individuais poderiam alterar a situação. Foi ressaltado que as ideias de atitudes deveriam ser para indivíduos realizarem, em um sentido de auto

responsabilização pela transformação desejada. Uma das realizadoras do projeto disse: “Não podemos terceirizar a cooperação”. Foram levantadas as seguintes ações:

- Tratar todas as pessoas da organização de forma igualitária.
 - Efetivar compromisso pessoal com as atividades cooperativas.
 - Sensibilizar a Gerência de Pessoas sobre a importância de incluir atitudes cooperativas na avaliação de desempenho.
 - Sensibilizar a Gerência de Pessoas para incluir na ferramenta FIC (Felicidade Interna do Cooperativismo) uma autoavaliação do líder cooperativo (gestores e dirigentes).
- Ao final, o subgrupo ressaltou que a intenção da atividade foi perceber atitudes, diagnosticar realidade e daí passar a compreensão que atitudes individuais podem alterar situações. Deixaram uma questão para reflexão: “Meus comportamentos geram os movimentos que desejo na organização?”.

Subgrupo 3: Projeto - Um por todos e todos por um (referente à In-Quieta-Ação: Se você cooperar para o alcance dos objetivos comuns qual será o seu mérito individual?):

- O subgrupo convidou cada pessoa a pegar um balão e formar círculo em pé. Inicialmente, cada indivíduo, depois em duplas, as pessoas foram brincando com balões. Depois o grupo foi estimulado e não deixar nenhum balão cair no chão. Nesse momento, o subgrupo incluiu na brincadeira outros balões, sem que participantes percebessem. Dessa forma, ficou difícil não deixar os balões caírem. Ao final, cada pessoa segurou alguns balões e com palitos de dente estourou-os recolhendo pequenos pedaços de papéis que estavam dentro e continham ideias que circularam na oficina. Assim, o subgrupo convidou cada pessoa a falar de suas palavras e como elas se relacionavam com o que foi vivido nos três dias de atividades. Abaixo trechos das expressões destacadas no momento.
- Tudo que fizemos foi viver a cooperação.
 - A Pedagogia da Cooperação é um modo leve de viver a cooperação.
 - Desde que dançamos, percebi muitas mudanças.

- Não seremos mais os mesmos. Nos comprometemos com nossa transformação.
- Tivemos um ambiente em que pudemos expressar sentimentos. Me senti acolhida. Parece até que as atividades foram personalizadas, pensadas para cada um de nós.
- Consigo me perceber mais cooperativa, pois vejo que os laços entre as pessoas foram fortalecidos.
- Houve entrega de todos. Esse processo gerou entrega plena nas atividades. As técnicas desenvolveram a entrega.
- Foi perceptível a inteligência coletiva. Houve mobilização da força do grupo.
- A iniciativa proporcionou bom humor, me quebrou alguns preconceitos e retirei algumas máscaras.
- Vocês deviam fazer isso mais vezes.
- Não nos olharemos como antes. Superei uma birra antiga com uma colega.
- Eu não era tão próxima de algumas pessoas aqui.
- Me senti vulnerável, mas essa é a grande certeza na vida. Foi um grande aprendizado!

Na saída para o almoço, um participante expressou: “A gente é foda pra caramba!”. Algumas participantes comentavam entre si: “não vamos dançar?”. Durante o almoço a equipe de focalização comentou entre si como a execução de um projeto durante a oficina foi fundamental para gerar a coesão no grupo. Foi ressaltada a força da realização coletiva.

O grupo foi recebido após o almoço pelo subgrupo do projeto 3 que finalizou sua atividade com um telefone sem fio que possibilitou a percepção da importância da comunicação na cooperação. Na sequência, o grupo foi convidado a sentar em círculo e realizar um momento de silêncio e reflexão intitulado *Pinakari*.

5.1.7 Celebrando o VenSer

Para finalizar a prática dos projetos de cooperação, passou-se à fase do **Zelo** que pôde concluir e celebrar o processo “uma oitava acima”. Assim, o grupo foi convidado a apreciar o projeto realizado por cada grupo e gerar ideias / possibilidades para tornar o que foi feito ainda melhor. O convite foi a atitude do jardineiro diante de um jardim que aprecia a obra e também

percebe/reconhece possibilidades de novas criações. Cada projeto foi cuidado em duas etapas: apreciação (participantes estimulados a começar as frases com “O que me chamou a atenção...” e ideiação (participantes estimulados a começar as frases com “E se...”). Abaixo seguem trechos de comentários para cada projeto.

Projeto 1: Termômetro da cooperação do sistema

- O que me chamou a atenção...
 - Termos que nos virar nos 30
 - Perspectiva de expansão da ideia
 - Simplicidade e viabilidade da proposta
 - Rapidez na tabulação
 - Habilidade de pegar algo não planejado por eles e realizar
 - Vídeos coerentes com a proposta
- E se...
 - Torna-se uma iniciativa da Casa (SESCOOP)
 - Expandir a aplicação do questionário para todo o OCB
 - Formação de um grupo para tomar a iniciativa de expansão
 - Iniciativa fosse adotada pelas unidades estaduais
 - Notícia no Vitrine (jornalzinho do SESCOOP) sobre esta oficina
 - Expandir a experiência da Pedagogia da Cooperação com outros grupos
 - Cada um for multiplicador em sua área
 - Implementar Pedagogia da Cooperação na capacitação de novos colaboradores
 - Olhar para abundância dos recursos que já existem e iniciativas que já existem na Casa (SESCOOP)
 - Persistir com a ideias, mesmo que haja demora nos processos
 - Questionário online
 - Questionário com cara amigável
 - Encontro com o tema da cooperação em que o questionário seja aplicado
 - Diretoria e gerências abraçassem a ideia
 - Resultados da expansão da aplicação do questionário trazendo subsídios para o estímulo à cooperação

- Formos os multiplicadores ocultos - sempre olharmos para o tema e tentarmos disseminar o tema da cooperação
- Existir um nome para esse grupo
- O nome for Guardiões da Cooperação
- Formos um grupo explícito e não oculto
- Implementar um módulo em programas que já existem (portas abertas, integração, dia C, celebração, etc)
- Ferramenta FIC (Felicidade Interna do Cooperativismo) contemplar uma nova dimensão como o termômetro

Projeto 2: Vivenciando a cooperação

- O que me chamou a atenção...
 - Complexidade da proposta inicial foi adaptada para o momento que tivemos
 - Participação de cada integrante do subgrupo muito coerente e sinérgica
 - Ver outro grupo realizar melhor a proposta pensada inicialmente
 - Fala do “Eu consigo colocar o “eu” no início da frase ou vou passar a outra pessoa?”
 - Fala “A gente não pode terceirizar a cooperação”
 - Vídeo do Menino e a Árvore
 - Capacidade de comunicação da equipe
 - Partiu de um resultado anterior e agregou conhecimento entre os projetos
 - Cuidado com as pessoas
 - Tempo era uma questão, mas lidaram com calma
 - Compromisso com as possibilidades deixando de lado o impossível
 - Quantidade de técnicas usadas para chegar no resultado
- E se...
 - Usar o vídeo do Menino e a Árvore numa palestra de sexta-feira
 - Momento de apresentar o projeto já aceito pela Casa (SESCOOP)
 - Produto se tornar realidade
 - Partilhar com a Gerência de Pessoas a vivência e o resultado
 - Compromissos com o “eu” forem colocados em prática
 - Levarmos as atitudes cooperativas para nosso dia a dia

- Multiplicação desse encontro nos momentos de sexta-feira
- Autonomia para colaboradores desenvolverem suas atividades
- Apresentar o projeto para gestores
- Realizar iniciativa em encontro de gestores
- Falar de atitudes cooperativas no Vitrine indicando vídeos
- Somar a cada semana uma atitude cooperativa
- Criar um comitê ou GT da Pedagogia da Cooperação

Projeto 3: Um por todos e todos por um

- O que me chamou a atenção...
 - Organização na elaboração da proposta
 - O grupo que recebeu o projeto foi criativo na adaptação
 - Modelagem da ideia inicial como uma argila
 - Sintonia entre a equipe realizadora
 - Atividade aflorou emoções do grupo
 - Grupo com propensão a visão de mundo comum
 - Cores dos balões
 - Criatividade e surpresa
 - Uso de dinâmica para apresentação do projeto
 - Depoimentos com liberdade
 - Confiança que o grupo teve para se abrir
 - Mais balões que pessoas
 - Sensibilidade na condução da atividade
 - Conexão das palavras com as pessoas
 - Atividade como conclusão dos projetos
 - Objetividade e leveza na parceria
 - Ludicidade e capacidade de gerar verdades profundas
 - Sintonia e conectividade gerada entre o grupo
 - Telefone sem fio
 - Cuidado com o ambiente no convite para que todos recolhessem os balões estourados

- E se...
 - Trazer pessoas que estão mais preocupadas com o operacional
 - Atividade fosse aplicada em reunião gerencial
 - Projeto fosse apresentado de maneira leve como uma brincadeira com coisa séria
 - Usássemos a forma lúdica em nossos trabalhos
 - Um dia houvessem balões com papéis na entrada do prédio para a chegada das pessoas
 - Na confraternização de fim de ano, fosse feito uma atividade leve e divertida que gere aprendizado
 - A confraternização fosse de início de ano
 - Deixássemos nossos preconceitos de lado
 - Quando não entendermos algo perguntarmos mais vezes
 - Cuidássemos de nossa criança de dentro
 - Ao trabalharmos com objetividade em nosso cotidiano, lembrarmos das cores dos balões e de algo que foi vivido aqui
 - Escrevermos uma carta para nós mesmos sobre as emoções que tivemos nessa experiência
 - Dedicarmos mais tempo às nossas rosas
 - Fizermos um manual / livreto / vídeo que mostre fizemos
 - Fizermos a pós em Pedagogia da Cooperação e trazer a aplicação para a Casa (SESCOOP) nos trabalhos de conclusão de curso

6. RESULTADOS

O grupo foi convidado a preencher formulário de avaliação de reação à oficina, material produzido pela Gerência de Pessoas. Foram avaliados objetivamente aspectos do evento, logística, equipe de condução e expectativas. No formulário, também constavam questões abertas sobre a contribuição da oficina com o trabalho, pontos positivos e a melhorar, além de comentários e sugestões. A tabulação do resultado desse formulário está no anexo 2. Na sequência, o grupo foi convidado a um momento de avaliação proposto pela equipe de focalização que utilizou os indicadores “Diver”, em escala de humor, para avaliar quatro

dimensões da vivência: DIVERdade; DIVERtido; DI-VER-Gente; e DIVER (mergulho). Cada subgrupo preencheu cartolina com respostas a 12 perguntas-chaves, apontando o grau de concordância com cada frase com uma das respectivas carinhas:

Figura 4 – Humorômetro DIVER



Além disso, foi solicitado ao grupo que indicassem os momentos da oficina em que se destacou cada dimensão. A partilha da conversa ocorrida nos subgrupos foi realizada por dimensão. No quadro abaixo estão registrados os graus de concordância com cada frase, além de descritas as falas e registros compartilhados pelos dois subgrupos.

	Subgrupo 1	Subgrupo 2
DIVERdade: Se a experiência é vivida com Desapego.		
1. Os participantes compartilharam experiências pessoais sem receio.	😊 4	😊😊 4,5
2. Empatia, compaixão, acolhimento e cumplicidade foram atitudes demonstradas pela maioria dos participantes.	😊 5	😊 5
3. Emoções como tristeza, angústia, medo, raiva e até ódio puderam se manifestar	😊 5	😊 5

e foram verdadeiramente aceitas		
Momentos da oficina em que se destacou esta dimensão.	Depoimentos de participantes; Participação, entrega, envolvimento; Cooperação no desenvolvimento da atividade; Recepção, cuidado, carinho; Integração.	Embora com grande entrega, ainda houve resistência de alguns na partilha de experiências pessoais; Respeitamos as opiniões de todos, assim, quando necessário, usamos mais de uma carinha em cada item; A técnica “E se...” proporcionou coragem e desprendimento de propor novas ideias; Aqui na oficina eu sou do sistema e não de uma área específica.
DIVERTido: Se a experiência é vivida com Integridade..		
4. O riso e a espontaneidade estiveram presentes, mesmo em momentos desafiadores.	😊5	😊😊4,5
5. Houve uma sensação de leveza e descontração no ambiente.	😊5	😊5
6. Uma atmosfera de contentamento e tranquilidade marcou o encontro.	😊5	😊4

<p>Momentos da oficina em que se destacou esta dimensão.</p>	<p>Dinâmicas; Verdade; Leveza; Mergulho; Aceite; Alegria... úúú.... todo dia!</p>	<p>Atividade do precipício; Dança das cadeiras; Tudo que aconteceu foi bem divertido, todas as atividades tinham propósito, mas foi tudo bem leve; Respeitamos as opiniões de todos, assim, quando necessário, usamos mais de uma carinha em cada item; No primeiro momento, as pessoas estavam tensas e até resistentes, mas depois tudo fluiu.</p>
<p>DI-VER-Gente: Se a experiência é vivida com Plena Atenção.</p>		
<p>7. Pessoas de diferentes características realizaram atividades conjuntas e sem discriminação.</p>	<p>😊₅</p>	<p>😊₅</p>
<p>8. Surgiram novas aprendizagens e insights a partir de visões, atitudes e comportamentos divergentes.</p>	<p>😊₅</p>	<p>😊₅</p>
<p>9. A não participação de participantes em eventuais atividades foi respeitada e honrada pelo grupo.</p>	<p>😊₅</p>	<p>😊₅</p>

<p>Momentos da oficina em que se destacou esta dimensão.</p>	<p>Dinâmica “Fala que eu não te escuto”; Elaboração dos projetos; Preparação para apresentação dos projetos; Íamos conversando e tendo novas ideias; Importante darmos atenção a quem está falando, por isso a atividade do ‘Fala que eu não te escuto’ foi marcante; Houve participação, as partes estiveram em ação.</p>	<p>Presença; Participação; Somos todos diferentes, mas todos se uniram. Cada um tem sua individualidade, mas estivemos todos juntos; Íamos conversando e tendo novas ideias; Mesmo uma participante não estando presente todo o tempo, ela trouxe as ideias e o seu subgrupo as considerou na execução da atividade; Embora houve pessoas que não estiveram 100% do tempo, quando estavam ficaram plenamente focadas.</p>
<p>DIVER: Se a experiência é vivida com Abertura para Compartilhar.</p>		
<p>10. O Grupo e a Focalização colaboraram no desenvolvimento das atividades, sugerindo ideias para a sua melhoria.</p>	<p>😊₅</p>	<p>😊₅</p>
<p>11. Em diferentes momentos existiram partilhas genuínas, tocantes e profundas que permitiram elevar o nível de cumplicidade no grupo.</p>	<p>😊₅</p>	<p>😊₅</p>
<p>12. O Grupo e cada participante assumiu</p>	<p>😊₅</p>	<p>😊₅</p>

responsabilidade pelo sucesso do encontro e pela implementação das aprendizagens no cotidiano.		
Momentos da oficina em que se destacou esta dimensão.	Capacidade de transformação sem apego e visando o melhor; Aceitação Colaboração; Com-Trato; Envolvimento; Sintonia; Futuro; Quando os grupos pegaram as ideias uns dos outros e foram realizar.	Mergulho; Houve entrega crescente, respeitando a forma de cada um.

Após a partilha do Diver, uma representante da Gerência de Pessoas participante da oficina sugeriu que cada pessoa pegasse, aleatoriamente, um certificado emitido pelo SESCOOP e fizesse a entrega. Uma das participantes agradeceu a equipe de focalização e entregou a cada integrante um kit de materiais promocionais da organização. Por fim, o grupo foi convidado a uma dança circular com a música *Trem-Bala*. A atividade foi finalizada com abraço coletivo e fortes abraços individuais. Na saída, um dos participantes comentou com outro: “eu me juntei aqui”.

Após a aplicação foi publicado no Boletim interno da Casa do Cooperativismo uma reportagem a respeito da realização da oficina com um resumo do que é a Pedagogia da Cooperação e depoimentos dos participantes. Além disso os participantes relataram sua satisfação com a oficina que chegou aos ouvidos dos principais gestores que enviaram seus agradecimentos aos pós-graduandos que focalizaram a atividade.

6.1 Avaliação da Oficina - instrumento interno do SESCOOP

Para aferir os resultados da oficina, é praxe o SESCOOP utilizar instrumentos de avaliação ao final de suas oficinas internas para aferir a efetividade das ações. O que não foi diferente na Oficina de Pedagogia da Cooperação. Foi incluído no instrumento padrão perguntas sugeridas pelos pós-graduandos que levassem os participantes a discorrer a respeito

da questão de pesquisa: “Como a aplicação da Pedagogia da Cooperação em grupo de mediadoras/es do cooperativismo contribui para o desenvolvimento/aprimoramento da colaboração no Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo - SESCOOP?” e obtemos como testemunho:

Como a Pedagogia da Cooperação contribui para o trabalho dos moderadores do SESCOOP?

“Contribui não só para a moderação, mas na tratativa da autopercepção e atuação como indivíduo. São atitudes e valores do cooperativismo acontecendo na prática. Formando melhores cidadãos. Várias técnicas que também podem ser agregadas à moderação.”

“Trazendo maior possibilidade de expandir/permitir a essência da participação colaborativa da cooperação.”

“Essa oficina da Pedagogia da Cooperação abriu novas possibilidades. Ela trouxe o contexto lúdico que serve, além de divertir, para extrair novas ideias, novas visões e, assim, novas conclusões.”

“Contribui com a abertura de inúmeras possibilidades de novos métodos de elaboração e execução de técnicas e vivências com moderação.”

“Apresentando novas metodologias/oportunidades para o desenvolvimento, aplicação e conclusão das moderações.”

“Vou conseguir levar uma terminologia muito usada no cooperativismo de forma mais clara e prática.”

“Trouxe novas técnicas de moderação, reflexões profundas sobre o processo interior de atitudes cooperativas e de um conjunto de possibilidades para implementação no ambiente de trabalho e em nossas atividades.”

“Amplia o repertório metodológico dos moderadores. Estimula o grupo a multiplicação das vivências da oficina, cujo tema é fundamental para a Casa.”

Dos conteúdos abordados, qual(is) aquele(s) que melhor se aplica(m) na realização do seu trabalho e por quê?

“As técnicas, os eixos que sensibilizam na melhor execução do trabalho. O cuidado com tato, com atenção plena, integridade, a possibilidade da abertura compartilhada, levando a desapego em crenças antigas, possibilitando tantas coisas novas.”

“A reflexão sobre o que tenho feito para cooperar! Saindo da teoria, dos conceitos e nos mostrando que é possível praticar a cooperação sendo autênticos.”

“Acredito que todos conteúdos abordados. Na realização de tarefas relativas a processos e rotinas, na negociação de conflitos e em entregas pontuais de projetos.”

“Despertar da colaboração em todos os colaboradores, abandonando conceitos, egos e orgulhos diante do bem maior que é cooperar.”

“O parar/respirar/planejar para o desenvolvimento de um produto que pode ser sustentável e abraçado por outro líder sem perder a objetividade.”

“Literalmente todos. Porque a cooperação é algo inerente das pessoas, portanto conhecer seu método, me ajudará a contribuir melhor junto as minhas tarefas diárias.”

“Todas as atividades focaram na cooperação, principal conteúdo, explorado nos vários contextos.”

Quais os pontos positivos e a melhorar desse evento?

- Positivo:

"Excelente oficina. Colocando a teoria da cooperação em vivência e reconhecimento da prática.”

“Só visualizo pontos positivos.”

“Os instrutores são pessoas muito capacitadas para aplicação dessa oficina. Porém, se eles soubessem mais sobre o Sistema OCB, acredito que as interações seriam mais profícuas.”

“O aprender o novo.”

“Integração dos participantes, nova visão, novas práticas, novas possibilidades, expressar os sentimentos sem filtros utilizando para resultados coletivos concretos.”

“Excelente condução da oficina por parte dos pós-graduandos, com organização, presença, maturidade, propósito e entrega.”

- A melhorar:

"Procurarmos a todo custo verificar a possibilidade de participação integral. 100% presente.”

“A participação de 100% dos confirmados, assim, fortalecendo as atividades em grupo.”

“Dar mais tempo para esse tipo de iniciativa. Fazê-lo em outro ambiente que não seja na OCB.”

“Realizar, na medida do possível, ações como essa em um outro local, para evitar saídas dos participantes.”

Posteriormente, os participantes da oficina fizeram alguns relatos para a pós-graduanda e funcionária do SESCOOP que as metodologias refletiram em relacionamentos familiares, sociais, que também foram replicadas em atividades de moderação. Foram encaminhados e-mails de agradecimento e repercussão positiva com os gerentes de área que, quando do convite

para liberar os funcionários para a oficina, não tinham clareza do retorno formativo que seria gerado.

6.2 Projetos de Cooperação

Com a realização da atividade foi possível notar a conexão entre as In-Quieta-Ações levantadas pelo grupo e os Projetos de Cooperação realizados. Vale retomar as questões geradoras das iniciativas coletivas: Você faz cooperação? O que é fundamental para que a cooperação seja fortalecida na Casa do Cooperativismo? Se você cooperar para o alcance dos objetivos comuns qual será o seu mérito individual? Tais In-Quieta-Ações nortearam a realização dos Projetos de Cooperação, mas verifica-se uma forte conexão. Por exemplo, a criação de um instrumento de monitoramento, o Termômetro da Cooperação, foi uma solução elaborada pelo grupo que demonstra como a partir de uma questão podem ser implementadas ações significativas para o contexto. Valioso foi verificar que as práticas da Pedagogia da Cooperação potencializaram a força criativa e colaborativa que estava latente no grupo. A emergência dessa inteligência coletiva, estimulada por um desafio concreto (elaboração e realização de um projeto no decorrer de uma curta atividade), pode ser verificada no decorrer deste trabalho, consolidando-se também como resultado desta pesquisa.

6.3 Trabalho cooperativo em equipe

Foi premissa do grupo vivenciar a Pedagogia da Cooperação na preparação, organização e aplicação da oficina. Para além de cumprir cronograma e etapas do Trabalho de Conclusão de Curso, foi possível vivenciar *Com-tatos* mais constantes (com almoços, lanches, mensagens de Whatsapp, Skype e e-mails), *Com-Tratos* (cumprir prazos, adequar agendas, respeitar habilidades de cada um em todas as etapas do TCC), cuidar das In-Quieta-Ações uns dos outros (como conhecer o local de aplicação com antecedência, ouvir profissionais de diversas áreas, compartilhar documentos normativos, incentivar continuidade no curso), *Alianças & Parcerias* foram fortificadas com nossa convivência, apoio constante, pinakaris, meditações e com a presença de nosso orientador e co-orientadora, que também realizou sua oficina em ambiente empresarial e nos trouxe retornos significativos quanto à proposta inicial de atividade. Essas conversas com os orientadores e a experiência de cada um dos membros do grupo foi base para internamente encontrarmos as Soluções Como-Uns para a exitosa aplicação

do nosso projeto de cooperação. Cada Pinakari nas manhãs e final de tarde da aplicação, nosso HipHipHuhha eram demonstrações do VenSer diário e conclusivo da atividade.

7. CONCLUSÃO

Como estudantes, ter como projeto final o exercício de aplicar as 7 práticas da Pedagogia da Cooperação foi um grande desafio. O desafio aumentou quando tivemos o aceite do SESCOOP para aplicar as 7 práticas com seus (as) mediadoras/es, profissionais que lidam diretamente com cooperativas em todo o Brasil e que trabalham em uma instituição cuja missão é promover cooperação. Também o fato de não conhecer os participantes nem a realidade em que eles trabalham gerou ansiedade e preocupação a todos os integrantes do grupo.

Porém, o nosso grupo de pesquisa se preparou muito e se muniu ao máximo de informações para reduzir a ansiedade. Um ponto que nos auxiliou foi a clareza entre nós de que a qualquer momento poderíamos mudar as estratégias e ser flexíveis para adequar ao que percebíamos nas reações dos participantes. Percebemos que é possível aplicar as 7 práticas em diferentes contextos e que são elementos fundamentais para o focalizador a abertura, a flexibilidade, a intuição e a preparação.

O apoio e compreensão da importância de vivências em cooperação por parte da alta administração e do departamento de recursos humanos do SESCOOP foram imprescindíveis para o sucesso da atividade que realizados. Afinal, não é comum as organizações compreenderem como ganho afastar seus colaboradores por 20h das suas atividades para vivenciar a cooperação.

Tivemos como resultado o abraço de colegas de trabalho que não se falavam, o choro, a emoção e relatos tais como:

“Contribui com a abertura de inúmeras possibilidades de novos métodos de elaboração e execução de técnicas e vivências com moderação.”

“O parar/respirar/planejar para o desenvolvimento de um produto que pode ser sustentável e abraçado por outro líder sem perder a objetividade.”

“A reflexão sobre o que tenho feito para cooperar! Saindo da teoria, dos conceitos e nos mostrando que é possível praticar a cooperação sendo autênticos.”

Nosso objetivo era praticar e experimentar em um contexto diferente da Pós-Graduação em Pedagogia da Cooperação a aplicação da proposta. Isso gerou mais segurança para futuras aplicações, além de inúmeras reflexões a respeito do potencial desta Pedagogia. Os resultados atingidos contribuíram para o desenvolvimento/aprimoramento da colaboração em grupo de mediadoras/es do SESCOOP, o que nos faz pensar a respeito das inúmeras possibilidades de desenvolvimento desta proposta em outros contextos organizacionais.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredito que as palavras falham ao tentar descrever ou avaliar os resultados da vivência que tivemos, dos aprendizados gerados e do quão significativo foi o processo de preparação para a prática e as horas que tivemos com o grupo do SESCOOP. Certamente, entramos de uma forma e saímos transformados, assim como, tenho a convicção de que transformamos também. O que aconteceu deixou evidente para mim que o provérbio que diz que "gente simples, fazendo coisas pequenas, em lugares pouco importantes, consegue mudanças extraordinárias" é mais que possível, foi uma realidade.

Inúmeras in-quieta-ções foram levantadas, dentre elas, angústias fortes de que o sistema cooperativista que o grupo fazia parte não promovia cooperação, ou que não existia cooperação entre os colaboradores... No entanto, durante a vivência, o grupo não só conseguiu enxergar de forma apreciativa a riqueza e beleza do que tinham, mas se fortaleceu e criou soluções e projetos incríveis que puderam ser executados em um curtíssimo período de tempo e poucos recursos, demonstrando a viabilidade de realizar, de mudar, de fazer diferente em prol do que fazia sentido e era importante para todos.

O estar presente de forma íntegra, aberta e desprendida possibilitou que o melhor de cada um fosse apresentado, somado e transformado para construção de algo novo, algo que certamente ninguém seria capaz de ser-e-fazer tão bem e tão plenamente sozinho. Cooperamos, VenSemos como grupo e SerVimos às necessidades que tínhamos, apontando novas possibilidades de ação no contexto do SESCOOP e da vida em si. Assim, concluo este trabalho com entusiasmo e esperança de novos tempos. Seguimos!

9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBIER, Renée. **A pesquisa-ação**. 3 edição. Brasília: Liber Livro Editora, 2002.

BRASIL. **Decreto nº 4.048 de 22 de janeiro de 1942**. Regulamenta a criação do Serviço Nacional de Aprendizagem dos Industriários. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br>>. Acesso em: 3 de julho de 2017.

BRASIL. **Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996**. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: 1996. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>>. Acesso em: 3 de julho de 2017.

BRASIL. **Decreto nº 5.154, de 23 de julho de 2004**. Regulamenta o § 2º do art. 36 e os arts. 39 a 41 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5154.htm>. Acesso em: 8 de setembro de 2017.

BRETAS, Alex. **Educação fora da caixa**. 2015. Disponível em: <https://medium.com/educa%C3%A7%C3%A3o-fora-da-caixa/pedagogia-da-coopera%C3%A7%C3%A3o-kit-fora-da-caixa-af7412216513#.bf3hcivwf>. Acesso em 22 de fevereiro de 2017.

BROTTO, Fábio Otuzi. **A Pedagogia da Cooperação**: construindo um mundo onde todos podem VenSer. Disponível em: <http://www.projetocooperacao.com.br/publicacoes/a-pedagogia-da-cooperacao-construindo-um-mundo-onde-todos-podem-venser/>. Acesso em 4 de janeiro de 2017

BROTTO, Fábio Otuzi. e ARIMATÉA, D.J. **Pedagogia da Cooperação**. Cadernos de Referência de Esportes;12. Brasília: Fundação Vale, Unesco, 2013.

BROTTO, Fábio Otuzi. **Jogos Cooperativos**: o jogo e o esporte como um exercício de convivência. 4ª edição. São Paulo: Palas Athena, 2013.

CARVALHO, Marco Aurélio Bilíbio. **De frente para o espelho: ecopsicologia e sustentabilidade**. Tese de Doutorado. Universidade de Brasília, 2013.

COCRIAR – Prática Colaborativas. **Investigação Apreciativa**. Disponível em <<http://cocriar.com.br/biblioteca/metodologias/investigacao-apreciativa/>> . Acesso em 29 de março de 2017.

EISLER, Riani. **O Cálice e a Espada**: nosso passado, nosso futuro. São Paulo: Palas Athena, 2007.

MATTOS, Frederico. **Pedagogia da Cooperação**. Brasília: Fundação Vale, UNESCO, 2013. 66 p. Disponível em <<https://papodehomem.com.br/comunicacao-nao-violenta-o-que-e-e-como-praticar/> (Cadernos de referência de esporte; 12), 2013>. 2013. Acesso em 29 de março de 2017.

O que é cooperativismo. Disponível em <<http://somoscooperativismo.coop.br/o-que-e-cooperativismo>>. Acesso em 03 de julho de 2017.

Pedagogia da Cooperação. Disponível em <<http://www.projetooperacao.com.br>> . Acesso em 29 de março de 2017.

Princípios Básicos do Cooperativismo. Disponível em <<http://www.paranacooperativo.coop.br/PPC/index.php/sistema-ocepar/2011-12-05-11-29-42/2011-12-05-11-44-19>> . Acesso em 03 de julho de 2017 .

SANTOS, Andrea Paula dos. **O que são Danças Circulares?** Disponível em <<https://dancacircularufabc.wordpress.com/o-que-sao-dancas-circulares/>>. Acesso em 29 de março de 2017.

SCHNEIDER, José Odelso. **Educação e Capacitação Cooperativa**. Os desafios no seu desempenho. Rio Grande do Sul: Unisinos, 2010.

SESCOOP. **Caderno Do Educador**: Cooperjovem. Brasília: 2013.

SESCOOP. **Planejamento Estratégico 2015-2020**; Brasília, 2014 (mimeo)

Sistema OCB. Somos o Cooperativismo. Disponível em <<http://somoscooperativismo.coop.br/-/o-que-e-cooperativismo>>. Acesso em 8 de setembro de 2017.

SOLER, Sylvia e Reinaldo. **Jogos Cooperativos**. 2008. Disponível em <<http://teiacoperativa.blogspot.com.br/2008/09/jogos-cooperativos-definies-e.html>> Acesso em 29 de março de 2017.

VIEIRA, Martha Bezerra. **A importância dos jogos cooperativos como conteúdo de ensino nas aulas de Educação Física infantil**. Revista Digital EFDesportes, Ano 17, nº 176, Janeiro, Buenos Aires: 2013. Disponível em: www.efdesportes.com. Acessado em 10/8/2017

10. APÊNDICES E ANEXOS

10.1 Apêndice 01: Cronograma detalhado de atividades

DIA	Hora de início	7 Práticas	Descrição da Atividade
1º dia - 11/04	07:30	-	Organização do ambiente
	08:00	-	Acolhida
	08:15	-	Abertura pelo SESCOOP
	08:35	COM-TATO	<ol style="list-style-type: none"> 1. Organização do local e da mesa do lanche 2. Introdução da atividade pelo SESCOOP 3. Apresentação dos facilitadores - nome e amores (sentados no chão no interior da Roda) 4. Momento de confecção de crachás: após apresentações, cada participante elabora crachá que represente "quem você é e seus amores, hobbies ou gosto preferido. 5. "Dinâmica Fale dos seus amores, gostos ou hobbies. Toca uma musica e todos andam aleatoriamente pela sala. Quando a musica parar, cada um encontra um par e conversa por 1 minuto sobre amores, hobbies e gostos. O processo continua com mais 2 novas pessoas. 6. Todos compartilham no grande círculo seu nome e os amores, gostos ou hobbies que "mais te arrepia"
	09:35	COM-TRATO	<ol style="list-style-type: none"> 1. Reflexão inicial: O que você precisa para ficar bem aqui? 2. Momento de silêncio e conexão - orientação de meditação utilizando linguagem do grupo 3. Após reflexão, cada pessoa anota em post-its até 2 necessidades (cada necessidade em um post-it) 4. Facitador recolhe, lê com o grupo e, de forma interativa, realiza agrupamentos para sistematizar necessidades comuns 5. Ao final, realiza-se convite de assinatura do Com-Trato com polegares para cima e "Hip, Hip, Hurrah" 6. Reliza-se pausa para ida ao banheiro (xixi break)
	10:30	IN-QUIETA-AÇÕES	<ol style="list-style-type: none"> 1. Jogo "Só perguntas" em duplas - 2 rodadas com temas aleatórios e engraçados e 3ª rodada com tema sobre cooperação 2. Divisão das pessoas em 4 grupos 3. Orientação: em uma cartolina/folha de flipchart fazer toró de perguntas - chuvas de inquietações sobre tudo o que gostaria de saber (sobre cooperação em grupo???) 4. Acabado o tempo, trocam os grupos e novo grupo seleciona as 3 perguntas que mais inquietam 5. Trocam os grupos e novo grupo aponta a inquietação

			principal para ser respondida durante a vivência. 6. Dança Kumbalauê
	11:30		7. Encerramento do primeiro dia, avisos gerais e convite para o dia seguinte
	09:00	ALIANÇAS & PARCERIAS	1. Dinâmica musicoperação: Bolinha que vai passando de mãos em mãos e pessoas criam coreografia (ou japonês com máquina fotográfica para revisitar o dia anterior) 2. Jogo Cooperativo "Desatar nós: Cada pessoa aponta para uma direção e segue o ponto médio - anda; pessoas dão as mãos no lugar onde estão; formam um nó e precisam desatá-lo cooperativamente 3. Jogo Cooperativo "Continente e Ilhas" - vendados, amordaçados e amarrados 4. Roda de conversas para compartilhamento de experiências e sensações 5. Momento de recapitular o que vivemos e viveremos 6. Fala sobre a Pedagogia da Cooperação e suas práticas - On co tô, on co vô 7. Almoço
2º dia - 12/04	14:00	SOLUÇÕES COMO-UNS	1. Dinâmica da fala/escuta: em duplas, cada pessoa fala por um minuto sobre um tema e a dupla deve escutar atentamente; em seguida, cada dupla fala por mais um minuto sobre outro tema, mas dupla deve demonstrar falta de atenção (não escutar/fazer outra coisa); 2. World Café para estimular respostas às perguntas feitas nas In-Quieta-Ações. 4 rodadas, sempre fica 1 anfitrião. Todos escrevem suas percepções/sugestões de respostas nos papeis de Flipchart; 3. Na última rodada, grupo dialoga e escolhe/ sintetiza até 8 pontos principais que podem ser extraídos da discussão; 4. Em seguida, sem falar, grupo escolhe ou transforma os 8 pontos em 4; 5. Individualmente, cada pessoa escreve uma frase/ideia que sintetize os 4 pontos; 6. A pessoa que terminar primeiro, ou quem se interessar, escreve sua frase no flipchart ou cartolina; 7. Em seguida, silenciosamente, cada integrante do grupo complementa ou altera a frase para que contemple o que pensa e escreveu (dinâmica missão Dragon Dreaming) 8. Concluída a frase, as frases são dispostas no centro para que todos possam ver a construção coletiva das respostas 9. Rodada - Como você sai em 1 palavra
3º dia - 13/04	09:00	PROJETOS DE COOPERAÇÃO	1. Acolhida 2. Dinâmica "E aí" - o que vivemos desde que chegamos (contação de história) - chegar até o momento da criação da frase e lembrá-las

			<p>3. Dividir grupos</p> <p>4. Prática da musicoperação adaptada: sonho / descoberta / imaginação/ desapego / sabedoria / composição / realização / zelo - mas a intenção é realizar um projeto ali, naquele momento, com os recursos disponíveis</p>
	16:00	VENSER (Zelo)	<p>1. Diver - Avaliação da Oficina como um todo - Dividir em grupos - Levar a matriz pronta para pedir para as pessoas pensarem nos momentos que experienciaram cada DIVER.</p> <p>2. Dança Circular: Trem Bala</p>


10.2 Apêndice 02: Relação de convidadas para a aplicação das 7 práticas.

RELAÇÃO DOS PARTICIPANTES

Formação de Moderadores de Processos Participativos

NOME	FUNÇÃO
Aurélio do Prado Peixoto	Analista de Comunicação
Bruna Fernanda da S. do Espírito Santo	Analista de Planejamento e Orçamento
Carla Bernardes de Souza Neri	Analista Técnico e Econômico
Divani Ferreira de Souza	Analista de Desenvolvimento e Gestão
Edvan Dias de Moura	Analista em Documentação
Flávia Zerbinato	Analista Técnico e Econômico
Heliane Cápua Dallapícula	Analista de Desenvolvimento e Gestão
Hugo de Castro Andrade	Analista de Técnico e Econômico
João Marcos Silva Martins	Analista de Relações Institucionais
Marco Olivio Morato de Oliveira	Analista Técnico e Econômico
Mariana Loureiro Gil de Paula	Advogada
Neiva Marisa John Birck	Analista de Monitoramento e Desenvolvimento
Patrícia Resende Teixeira	Analista de Promoção Social
Pricila Luana Topolski	Analista de Planejamento e Orçamento
Raquel Rodrigues	Analista de Planejamento e Orçamento
Ricardo Florencio Miranda	Analista de Sistemas
Roberto Guerrero de Carvalho	Assessor
Rosana Piera Agostinho	Secretária Executiva
Rosângela Vieira Ferreira	Auditora
Sanller Bosco Lopes Nonato	Assessor
Sheila Malta Santos	Analista de Gestão de Pessoas
Talita Viana Avancini	Analista de Gestão de Pessoas
Tereza Cristina de Souza Santos	Auditora

10.3 Anexo I: Tabulação da avaliação institucional do SESCOOP

RESULTADO DA AVALIAÇÃO DE REAÇÃO			
	Evento:	Oficina de Pedagogia da Cooperação	
	Organizadora:	Gerência de Pessoas	Nº de participantes presentes: 10
	Data:	11 a 13 de abril de 2017	Nº de participantes respondentes: 8

EVENTO	Ótimo	Bom	Regular	Fraco
Relevância do evento.	100,0%	0,0%	0,0%	0,0%
Programação do evento.	100,0%	0,0%	0,0%	0,0%
Carga horária total do evento.	87,5%	12,5%	0,0%	0,0%
Resultado	95,8%	4,2%	0,0%	0,0%
LOGÍSTICA	Ótimo	Bom	Regular	Fraco
Organização do evento.	100,0%	0,0%	0,0%	0,0%
Local do evento (ambiente).	100,0%	0,0%	0,0%	0,0%
Qualidade do material utilizado.	100,0%	0,0%	0,0%	0,0%
Resultado	100,0%	0,0%	0,0%	0,0%
EQUIPE DE CONDUÇÃO DOS TRABALHOS	Ótimo	Bom	Regular	Fraco
Domínio dos assuntos.	100,0%	0,0%	0,0%	0,0%
Administração do tempo.	87,5%	12,5%	0,0%	0,0%
Didática de apresentação.	100,0%	0,0%	0,0%	0,0%
Esclarecimento de dúvidas.	87,5%	12,5%	0,0%	0,0%
Resultado	93,8%	6,3%	0,0%	0,0%
3. EXPECTATIVAS	Ótimo	Bom	Regular	Fraco
Atendimento as expectativas	100,0%	0,0%	0,0%	0,0%
Resultado	100,0%	0,0%	0,0%	0,0%
Resultado Final	Ótimo	Bom	Regular	Fraco
	98,6%	1,4%	0,0%	0,0%

NOTA GERAL DO EVENTO	0	1	2	3	4	5
	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
	6	7	8	9	10	
0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	100,0%	

<p>1 - Como a Pedagogia da Cooperação contribui para o trabalho dos moderadores do Sescoop?</p> <p>"Contribui não só para a moderação, mas na tratativa da autopercepção e atuação como indivíduo. São atitudes e valores do cooperativismo acontecendo na prática. Formando melhores cidadãos. Várias técnicas que também podem ser agregadas à moderação."</p> <p>"Trazendo maior possibilidade de expandir/permitir a essência da participação colaborativa da cooperação."</p> <p>"Essa oficina da Pedagogia da Cooperação abriu novas possibilidades. Ela trouxe o contexto lúdico que serve, além de divertir, para extrair novas ideias, novas visões e, assim, novas conclusões."</p> <p>"Contribui com a abertura de inúmeras possibilidades de novos métodos de elaboração e execução de técnicas e vivências com moderação."</p>
<p>"Apresentando novas metodologias/oportunidades para o desenvolvimento, aplicação e conclusão das moderações."</p> <p>"Vou conseguir levar uma terminologia muito usada no cooperativismo de forma mais clara e prática."</p> <p>"Trouxe novas técnicas de moderação, reflexões profundas sobre o processo interior de atitudes cooperativas e de um conjunto de possibilidades para implementação no ambiente de trabalho e em nossas atividades."</p> <p>"Amplia o repertório metodológico dos moderadores. Estimula o grupo a multiplicação das vivências da oficina, cujo tema é fundamental para a Casa."</p>
<p>2-Do conteúdos abordados, qual(is) aquele(s) que melhor se aplica(m) na realização do seu trabalho e por quê?</p> <p>"As técnicas, os eixos que sensibilizam na melhor execução do trabalho. O cuidado com tato, com atenção plena, integridade, a possibilidade da abertura compartilhada, levando a desapego em crenças antigas, possibilitando tantas coisas novas."</p> <p>"A reflexão sobre o que tenho feito para cooperar! Saindo da teoria, dos conceitos e nos mostrando que é possível praticar a cooperação sendo autênticos."</p> <p>"Acredito que todos conteúdos abordados. Na realização de tarefas relativas a processos e rotinas, na negociação de conflitos e em entregas pontuais de projetos."</p>
<p>"Despertar da colaboração em todos os colaboradores, abandonando conceitos, egos e orgulhos diante do bem maior que é cooperar."</p> <p>"O parar/respirar/planejar para o desenvolvimento de um produto que pode ser sustentável e abraçado por outro líder sem perder a objetividade."</p> <p>"Literalmente todos. Porque a cooperação é algo inerente das pessoas, portanto conhecer seu método, me ajudará a contribuir melhor junto as minhas tarefas diárias."</p> <p>"Todas as atividades focaram na cooperação, principal conteúdo, explorado nos vários contextos."</p>
<p>3-Quais os pontos positivos e a melhorar desse evento?</p> <p>Positivo:</p> <p>"Excelente oficina. Colocando a teoria da cooperação em vivência e reconhecimento da prática."</p> <p>"Só visualizo pontos positivos."</p> <p>"Os instrutores são pessoas muito capacitadas para aplicação dessa oficina. Porém, se eles soubessem mais sobre o Sistema OCB, acredito que as interações seriam mais profícuas."</p> <p>"O aprender o novo."</p> <p>"Integração dos participantes, nova visão, novas práticas, novas possibilidades, expressar os sentimentos sem filtros utilizando para resultados coletivos concretos."</p> <p>"Excelente condução da oficina por parte dos pós-graduandos, com organização, presença, maturidade, propósito e entrega."</p>
<p>4- Comentários e sugestões:</p> <p>"Expandir para todos da casa. Experiência riquíssima! Parabéns e muito obrigada pela oportunidade."</p> <p>"Sugiro que a proposta seja expandida, ofertada, presenteada para um grupo maior."</p> <p>"Améi!"</p> <p>"Parabéns à equipe pela fluência na aplicação da vivência, metodologia e eficácia em despertar o ser integral, aquele que colabora e contamina o outro com essa possibilidade. Sugiro que esta técnica, esta vivência, seja aplicada com outros colaboradores da casa, se não, com todos!"</p> <p>"Leveza, tranquilidade, organização e cuidado serão as palavras que levarei desse curso."</p> <p>"Que ocorram mais iniciativas desse formato na casa."</p> <p>"Este curso deverá ser realizado para cada gerência de equipe de forma que todas as gerências recebam o curso, inserir no vitrine toda semana sobre atitudes cooperativas, incluir na avaliação de desempenho o item atitudes cooperativas, incluir no FIC a auto avaliação dos gestores (360º), no quesito cooperação, realizar algumas atividades lúdicas nos encontros técnicos (palestras das sexta-feira, cursos, dia das mães...), realizar um curso destes para os gestores."</p> <p>"Parabéns, Edlane, Clóvis, Simone e Luiza. Parabéns a todos os participantes pela entrega."</p>

10.4 Anexo II: Reportagem publicada no Boletim interno da Casa do Cooperativismo



Aqui fazemos assim

Pedagogia da cooperação

O grupo de moderadores de processos participativos do Sistema OCB, composto por analistas da OCB e do Sescoop, esteve reunido de terça à quinta da semana passada para uma "Oficina de Pedagogia da Cooperação". O tema é assunto do trabalho de conclusão de curso da colega Ediane (GEDES), na especialização "Pedagogia da Cooperação e Metodologias Colaborativas", que ela está cursando com auxílio (bolsa de estudos) do Sescoop. O TCC está sendo elaborado em grupo e, por isso, a Didi foi acompanhada dos colegas de turma na condução dos trabalhos.



A pedagogia da cooperação é uma abordagem de aprendizagem compartilhada, na qual, cada pessoa é considerada mestre-aprendiz. A ideia de trazer o tema para os colaboradores que atuam como mediadores no Sistema OCB levou em consideração que essa abordagem pode contribuir para o desenvolvimento de ambientes colaborativos para solucionar problemas, transformar conflitos, alcançar metas e mobilizar pessoas.

Didi conta que, quando ficou sabendo que a proposta do TCC tinha o requisito de que a metodologia fosse aplicada, não teve dúvida: "Iviane para o Sescoop, porque é uma ferramenta que pode complementar os planos desenvolvidos pela GEPES, como o PDCI e a Formação de Mediadores." Agradece, ela menciona que a Gerência de Pessoas ofereceu todos os recursos necessários para a concretização do trabalho. E acrescenta: "Está sendo muito prazeroso viver o potencial de cooperação que tem em nossa equipe".



Participando da capacitação, Aurélio (GECOM) e Rosana (SECRET) também registraram suas impressões.

"Estes dois dias e meio possibilitaram o contato com uma nova área do conhecimento: a pedagogia da cooperação. Por meio dela, temos mais condições de atuar nos grupos e serem moderados de forma eficaz, direta, sensível e cooperativa. Além disso, boa parte do conteúdo apresentado está relacionada ao comportamento, por isso percebo que facilmente poderemos melhorar as relações, tanto aqui na Casa quanto no âmbito familiar. Parabéns à Didi e seus colegas pelo trabalho de tamanha repercussão e relevância", comentou Aurélio.

Rosana concorda que a capacitação foi excelente, tanto para a vida profissional quanto social. "Proporcionou um despertar de possibilidades em trabalhar a cooperação nos mais diversos campos. Parabéns ao grupo de instrutores pela fluência na aplicação das técnicas e vivências. É um movimento inspirador. Gratidão por ser parte deste grupo!"

Essa iniciativa de desenvolvimento interno atende a dois programas do Sistema OCB: o de Incentivo à Educação Continuada e o de Desenvolvimento de Competências do Sistema OCB – formação de educadores corporativos.

10.5 Anexo III: Fotos do processo

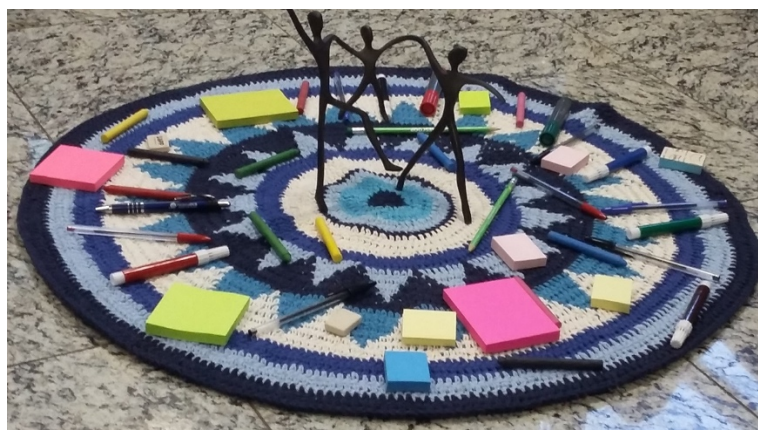
Primeira reunião com a Gepes



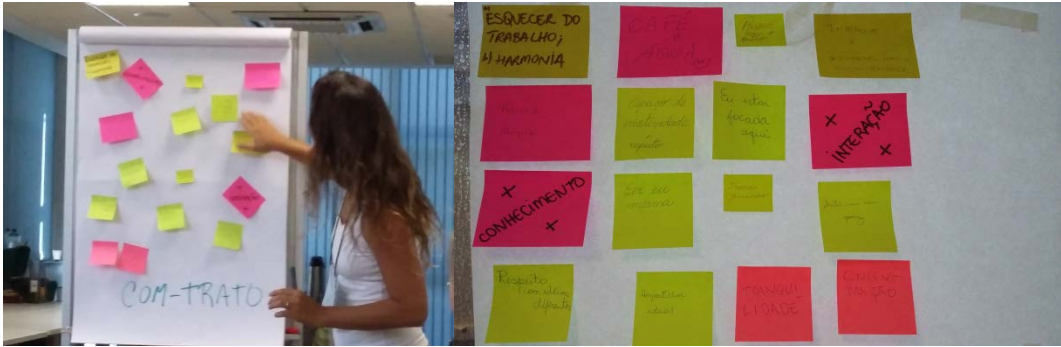
Primeiro dia de Aplicação das 7 práticas - Apresentação da equipe de focalização



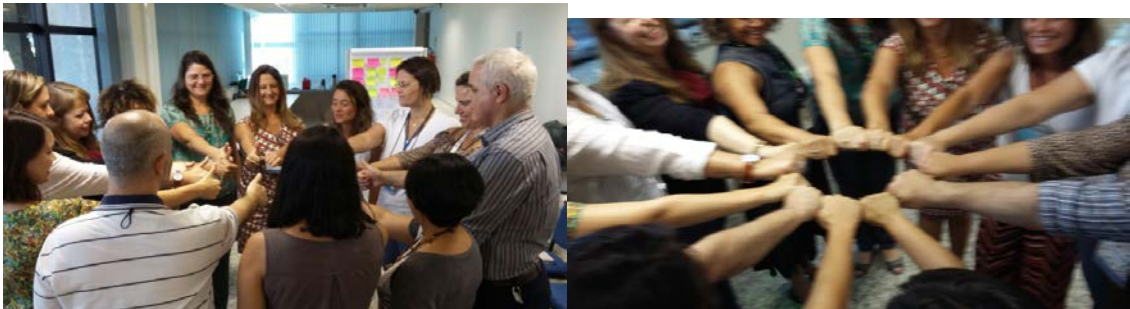
Centro



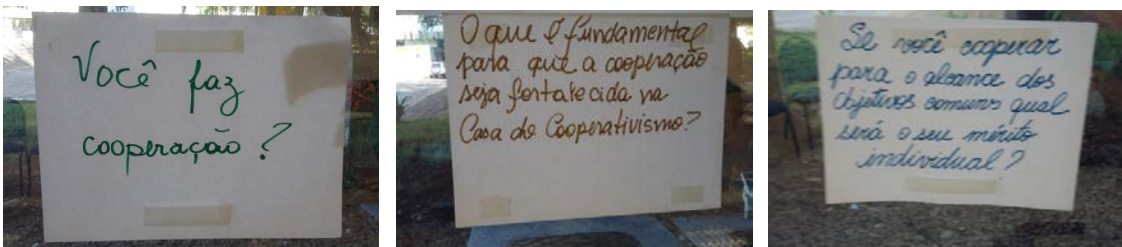
Com-Trato



Celebração do Com-trato



In-quieta-ções



Jogo Montanhas e precipício



Dança das cadeiras cooperativas



Dinâmica “Fala que eu (não) te escuto”



World Café



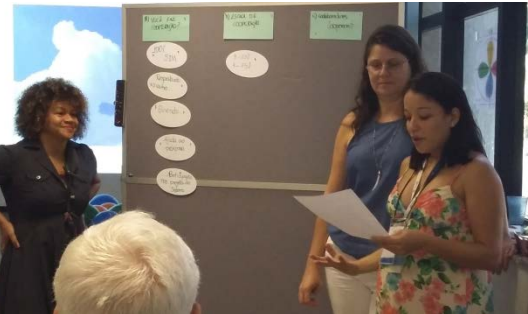
Dança Shetland Wedding.



O momento do desapego do projeto



Projeto de cooperação. Subgrupo 1 – Termômetro da cooperação



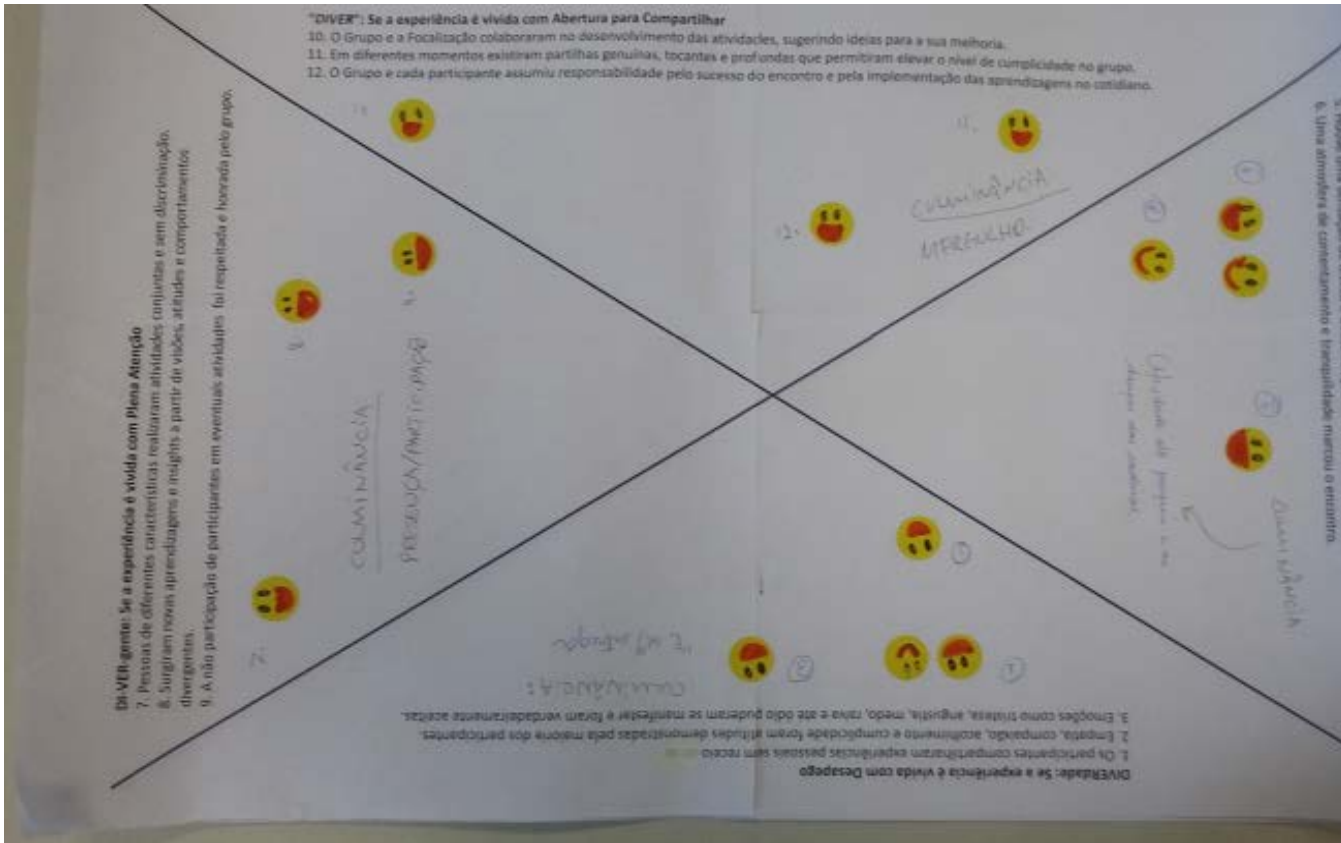
Projeto de cooperação. Subgrupo 2 - Vivenciando a cooperação



Projeto de cooperação. Subgrupo 3 – Um por todos, todos por um



DIVER



Entrega dos certificados



Fechamento com a dança “Trem Bala” e despedida.



10.6 Anexo IV – Descrição de jogos¹⁰ aplicados em Alianças & Parcerias

Nó humano: Participantes, de mãos dadas em roda, observam quem está do seu lado esquerdo e quem está do lado direito. É solicitado que cada participante memorize quem está segurando cada uma de suas mãos. Grupo é convidado a soltar as mãos, fechar os olhos e andar livremente pelo espaço. Em seguida, as pessoas são orientadas a parar onde estão, abrir os olhos e, sem sair da posição, dar as mãos a quem estava à sua direita e à sua esquerda. O desafio é desatar o nó formado cooperativamente, sem soltar as mãos, retornando ao círculo inicial.

Montanhas e precipício: O ambiente deve ser organizado com três espaços marcados no chão (fita crepe, giz, barbante ou esteira) separados por uma distância de mais ou menos dois metros entre um e outro. A dimensão dos quadrados deve ser compatível com a quantidade de participantes, sendo um deles capaz de comportar todo o grupo em pé, mas sem folga. Dois pequenos tapetes devem ser posicionados próximo ao quadrado 1. O grupo é recepcionado fora do ambiente para que não saiba do desafio.

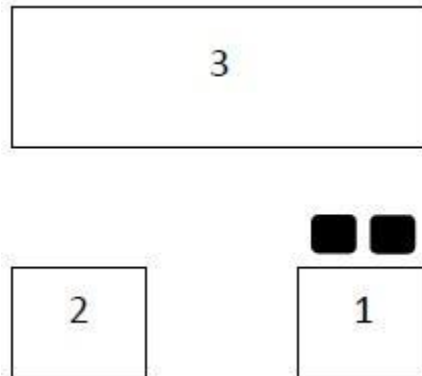
- Na recepção, uma atmosfera lúdica é criada com a história de uma caminhada entre imensas montanhas que trazem paisagens incríveis, mas também grandes perigos com precipícios amedrontadores. Na caminhada, o grupo acabou se dividindo em três montanhas e precisa se reunir. Há algumas condições que dificultam e que facilitam essa reunião. O primeiro subgrupo está vendado e não pode ver. O segundo subgrupo está com os pés amarrados e não pode caminhar normalmente. O terceiro subgrupo está amordaçado e não pode falar. Existem tapetes voadores que são a única maneira de passar de uma montanha a outra.

- O grupo é convidado a se posicionar em suas respectivas montanhas (quadrados delimitados previamente no chão): 1 - vendados; 2 - pés amarrados; 3 - amordaçados. É dito ao grupo que só os amordaçados terão acesso às instruções do jogo (entregar por escrito), mas que qualquer descumprimento das regras implica queda no precipício. Assim, participantes não podem pisar fora do cume de suas montanhas ou dos tapetes voadores, se não cairão no precipício e deverão voltar ao cume de suas montanhas

¹⁰ As atividades realizadas e aqui originalmente descritas foram vivenciadas em diferentes módulos da Pós-Graduação em Pedagogia da Cooperação & Metodologias Colaborativas.

originais. O organizador do jogo diz que se alguém descumprir as regras gritará "Precipíííicio!". As instruções são entregues aos amordaçados que podem ler rapidamente e o organizador do jogo estipula o tempo (deve ser desafiador - em um grupo de 10 a 15 pessoas, 10 minutos) para a realização da atividade.

- Abaixo uma ilustração para a organização do ambiente (montanhas e tapetes voadores).



Instruções para o grupo dos amordaçados:

- Você está no cume da montanha 3 - no grupo dos amordaçados. Os vendados estão na montanha 1 e os pés amarrados na montanha 2.
- No tempo determinado, a missão dos amordaçados é, sem falar nada, fazer com que todos os participantes estejam no cume de sua montanha.
- Para trazer seus colegas vocês devem seguir as seguintes regras:
 1. Esta folha de instruções não pode, jamais, cair em posse de vendados ou pés amarrados.
 2. A única maneira de atravessar de uma montanha a outra é utilizando os dois tapetes voadores que estão ao lado da montanha dos vendados.
 3. Somente os vendados podem movimentar os tapetes voadores.
 4. A cada vez que alguém não seguir uma das regras acima, o organizador do jogo gritará "Precipíííicio!", tendo a pessoa que voltar para o cume de sua montanha original.

Cadeira livre: Grupo senta em um círculo bem fechado de cadeiras, voltados para o interior do círculo, deixando uma cadeira livre. A cadeira vazia deve ser ocupada pelo participante que estiver à esquerda da cadeira, o mais rápido possível. O participante deve sentar-se rapidamente

e dizer em voz alta: "Sentei!". Sobra então uma nova cadeira livre que será ocupada pela pessoa que estava ao lado participante que se movimentou. Esse, ao sentar, diz em voz alta: "No jardim!". Na sequência, sobra outra cadeira livre que será ocupada pelo participante que estava ao lado daquele que se movimentou. Esse, por sua vez, completa a frase dizendo: "Com meu amigo..." (dizer o nome da pessoa escolhida). A pessoa chamada é escolhida aleatoriamente, sendo qualquer pessoa do círculo. Esta pessoa deverá ir mais depressa possível até a cadeira e sentar. Dessa forma, a cadeira em que essa pessoa estava sentada ficará livre, o que possibilita o início de um novo ciclo: " eu sentei", "no jardim ", "com meu amigo...". O organizador do jogo, em determinado momento, pode desocupar mais uma cadeira e assim acontece o movimento simultâneo com duas cadeiras livres. Também pode ser sugerido ao grupo que a cadeira livre seja ocupada por participantes à esquerda ou à direita, sendo que o primeiro que sentar gera o movimento da pessoa imediatamente ao seu lado.

Dança das cadeiras cooperativas: Ao som de música animada, grupo é convidado a dançar livremente ao redor de um número de cadeiras menor que o número de participantes. Quando a música é interrompida, todos devem se sentar nas cadeiras disponíveis. Os participantes podem se sentar nas cadeiras, nos colos uns dos outros, ou de alguma outra maneira criada por eles. Ninguém sai do jogo e a música continua. O organizador vai retirando algumas cadeiras a cada rodada. Ao final, todos os participantes devem estar, de alguma forma, sentados na única cadeira restante.